

ANO X - Nº 13 - ABRIL DE 1998

# ATERCEIRA IDADE

A TERCEIRA IDADE ANO X - ABRIL DE 1998

**REPENSANDO O ENVELHECER:  
ENTRE O MITO E A RAZÃO**

**A VELHICE E O FUTURO OS NOVOS VELHOS DO TERCEIRO MILÊNIO**

**A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA  
NO CAMPO DA GERONTOLOGIA SOCIAL**

**HOMENAGEM: REFLEXOS DA APOSENTADORIA  
SOBRE A QUESTÃO SOCIAL DO IDOSO**

**O ESTATUTO DO IDOSO (LEI 8.842)  
NO ENCONTRO ESTADUAL DE  
CAMPOS DO JORDÃO**

# TERCEIRA IDADE

ANO X - Nº 13  
ABRIL 1998



Publicação técnica editada pelo SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO (SESC), Administração Regional no Estado de São Paulo - Av. Paulista, 119 - 9º andar CEP 01311-903 - Tel. 284-2111 - São Paulo - SP.

Diretor do Departamento Regional do SESC/SP: Danilo Santos de Miranda, Superintendente Técnico-Social: Joel Naimayer Padula, Gerente de Apoio Operacional e Estudos da Terceira Idade: Marcelo Antonio Salgado. COMISSÃO EDITORIAL: Antonio Arroyo (Organização e Revisão), José Carlos Ferrigno (Organização e Revisão), Marcelo Antonio Salgado (Coordenação). PROJETO GRÁFICO: Eron Silva. ARTE: Cristina Miras, Cristina Tobias, Euripedes Silva, Marilu Donadelli.

Materias para publicação podem ser enviadas para apreciação da comissão editorial, no seguinte endereço: Revista Terceira Idade - Gerência de Apoio Operacional e Estudos da Terceira Idade (Gaeti) - Av. Paulista, 119 - 9º andar CEP - 01311-903 - São Paulo - SP

## SUMÁRIO

### REPENSANDO O ENVELHECER: ENTRE O MITO E A RAZÃO

7

*Mário Sergio Cortella*

### A VELHICE E O FUTURO OS NOVOS VELHOS DO TERCEIRO MILÊNIO

29

*Edênio Valle*

### A CONTRIBUIÇÃO DA PSICOLOGIA NO CAMPO DA GERONTOLOGIA SOCIAL.

47

*Elvira Mello Wagner*

### HOMENAGEM: REFLEXOS DA APOSENTADORIA SOBRE A QUESTÃO SOCIAL DO IDOSO

61

*Edith Motta*

### O ESTATUTO DO IDOSO (LEI 8.842) NO ENCONTRO ESTADUAL DE CAMPOS DO JORDÃO

71

## APRESENTAÇÃO

Em qualquer área do trabalho social deve haver uma permanente preocupação com a reflexão, porque é através dela que se torna possível o aperfeiçoamento da práxis. Como é sabido por muitas pessoas, o SESC de São Paulo é uma entidade pioneira em programas sócio-culturais para a chamada Terceira Idade e essa ação, por sua qualidade e eficiência, tem se constituído em referência para instituições públicas e privadas, dentro e até fora do país. Consideramos que uma das razões para esse sucesso está na busca incessante de novas idéias, a partir da constante discussão com os técnicos responsáveis por esse trabalho nas unidades operacionais do SESC e nas sistemáticas consultas feitas junto à clientela idosa. Um olhar atento aos novos lances da condição social do idoso brasileiro completa essa metodologia de trabalho. Nesse contexto, a revista A Terceira Idade cumpre um papel importante: abrir espaço para

técnicos, especialistas, acadêmicos e livres-pensadores exporem suas experiências e reflexões. Trata-se de uma das poucas publicações do gênero no Brasil; fato que torna sua existência ainda mais relevante para estudantes, profissionais, público de modo geral e, claro, para os próprios idosos.

Nesta edição apresentamos três artigos, baseados em palestras do Seminário "O Brasil e os Idosos", realizado em parceria com a PUC/SP, no final do ano de 1996. Em "Repensando o Envelhecer: Entre o Mito e a Razão", Mário Sérgio Cortella aborda alguns mitos e estereótipos sobre a velhice e o processo do envelhecimento muito presentes no cotidiano e aponta vários indícios de que a maneira de se envelhecer e o próprio conceito de velhice estão mudando, como decorrência das radicais mudanças de comportamento impostas pela revolução tecnológica. Edênio Valle, em seu artigo

"A Velhice e o Futuro - Os Novos Velhos do III Milênio", articula um interessante exercício de imaginação a respeito da situação dos velhos em 2027, ou seja, da velhice daqui a 30 anos, levando em conta inúmeras variáveis dentro de cenários mais "róseos" ou mais sombrios. Em "A Contribuição da Psicologia no Campo da Gerontologia Social", Elvira Wagner traça um elucidativo panorama das diversas teorias psicológicas aplicadas à compreensão do envelhecimento humano, relatando ainda os aportes dessa ciência nos campos da pesquisa, do diagnóstico e do atendimento.

Esses textos são resultantes de falas, guardam, portanto, características da linguagem coloquial.

Ainda nesta edição, prestamos uma homenagem póstuma à assistente social Edith Motta, republicando o artigo "Reflexos da Aposentadoria sobre a Questão Social do Idoso". Edith, figura

exponencial da gerontologia brasileira, notabilizou-se por sua combatividade e dedicação à luta pela emancipação do idoso e do aposentado. Fechando este número, a revista publica dois importantes documentos produzidos pelos idosos, durante o Encontro Estadual de Idosos de Campos de Jordão, promovido pelo SESC de São Paulo e realizado em setembro de 1997: o "Manifesto de Campos de Jordão" e "Recomendações do 12º Encontro Estadual de Idosos". O evento teve por tema a lei 8842, o chamado Estatuto do Idoso, recentemente promulgada pelo Presidente da República. O Encontro, que teve como encerramento uma passeata de 800 idosos, deixou claro para todos os participantes que os benefícios dessa legislação só serão efetivamente alcançados se a comunidade idosa mobilizar-se com empenho e determinação na busca de seus direitos.

ABRAM SZAJMAN

Presidente do Conselho Regional do SESC de São Paulo

# Repensando o Envelhecer: Entre o Mito e a Razão

MÁRIO SÉRGIO CORTELLA

FILÓSOFO E DOUTOR EM EDUCAÇÃO  
PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE TEOLOGIA E  
CIÊNCIAS DA RELIGIÃO E DO PROGRAMA DE  
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E  
CURRÍCULO DA PUC/SP

Pretendo refletir sobre alguns mitos relativos ao envelhecer;  
a relação do mito e da razão dentro desse processo;  
o que isso significa do ponto de vista filosófico;  
e, principalmente, como é que nos enredamos, no dia-a-dia,  
em algumas questões sobre esse tema que tem um caráter mítico,  
ao mesmo tempo em que apresenta alguns sinais de cientificidade.

## ESTE MUNDO ESTÁ PERDIDO?

Inicialmente, queria fazer uma análise sobre como estamos vivendo hoje e como estamos pensando essa realidade vivida.

A frase que mais ouço de pessoas que têm mais idade do que eu - e de um tempo para cá, não sei por qual razão, comecei a dizê-la também - é que "este mundo está perdido". Curiosamente, ouvia isso de meus avós, quando era criança. Acontecia quando eles faziam uma análise sobre a realidade. Ouvi isso de meus pais e, em determinado momento, por razões que desconheço (será?), comecei a dizê-lo também.

De uns tempos para cá, venho refletindo sobre a seguinte relação: considero uma pessoa que imagina que este mundo está perdido como alguém que começou a se perder neste mundo. O que significa dizer "este mundo está perdido"? Em princípio, significa que os referenciais, os sinais, os sentidos da existência que hoje se apresentam, vão-se esvaindo, perdendo-se para algumas pessoas.

A coisa mais difícil, não tenho dúvida, é envelhecer nesse final de século XX. Acho que no século XIX era um pouco mais tranqüilo ou um pouco menos intranqüilo e, em séculos anteriores também. Envelhecer, tornar-se um idoso neste final de século, é extremamente complexo, e mais difícil. E vou dizer o

por quê.

De certa forma, há mais ou menos 30, 40 anos, quando falávamos em gerações estávamos nos referindo, inclusive, a uma dimensão técnica, que era a geração ser considerada como um período de 25 anos. Cem anos seriam quatro gerações. Por que 25 anos? Porque seria o tempo estimado em que alguém, ao completar essa idade, já começaria a reproduzir outros seres humanos. E aí teríamos gerações sucessivas.

Isso mudou fundamentalmente nos últimos 30 anos. Hoje quase não temos mais essa idéia de geração, ela ficou quase anual. Por exemplo, meu filho de 19 anos é considerado ultrapassado pela minha filha de 17 que, por sua vez, é considerada ultrapassada pelo meu filho de 13. E eu, evidentemente, sou considerado ultrapassado pelos três.

Por outro lado, eu também os considero ultrapassados em várias coisas, e essa é uma novidade. Por exemplo, há uns quatro anos, fui com meus rapazes ao barbeiro cortar cabelo. Barbeiro já é um termo usado mais na minha infância; hoje seria cabeleireiro masculino. Fomos os três cortar cabelo. Estávamos sentados, cada qual em sua cadeira, prestes a ter o cabelo cortado, quando os dois se dirigem aos seus respectivos barbeiros e ordenam ao mesmo tempo: "raspa tudo e deixa só um topete na frente"! Quase tive um infarto. Levantei-me da cadeira onde estava e falei: "Vocês estão ficando loucos.



Na minha geração correu sangue para se conseguir deixar o cabelo crescer”..

De fato, quando eu era menino, em Londrina/PR, a coisa que mais odiava era ter que ir ao barbeiro. Sentava na cadeira e meu pai dizia: “máquina zero, deixa só o topetinho”. Era o famoso corte americano ou “bodinho”. Achei que a forma de me libertar da opressão da geração anterior era deixar o cabelo crescer e, mais tarde, deixar a barba crescer também. Ainda uso barba, bem como muitos de minha geração. Isso funcionava como um protesto. Somos também da “geração barba e bolsa”, marca dos anos 60, começo dos 70, que depois foi sucedida pela “geração poncho e conga” e, no início dos anos 80, pela “geração punk e melissa”. Hoje há uma coexistência de todas elas: cabelos compridos, cabelos curtos, roupas coloridas, brincos, não brincos, barbas, não barbas, bolsa, não bolsa, batas, não batas, conga, não conga, alpargatas, calçados de plástico, etc.

O interessante nesse quadro todo é a mudança dos valores. Na minha infância, um calçado de plástico ou um Vulcabras era sinal de pobreza. Usava-se galocha para proteger o calçado. Usar alpargata ou alpercata, um sapato feito de pano e corda trançada, nem pensar! Hoje, paga-se caríssimo por um objeto desse tipo. Tudo mudou e mudou muito nos últimos 30 anos. Mudou o quê, principalmente? Mudou a forma de compreendermos a organização das pessoas.

As mudanças foram tão rápidas e profundas que o tempo, em que ocorreram, parece mais remoto do que é na realidade. Quantas vezes ouvi de meus filhos e de meus sobrinhos a frase, meio de brincadeira: “Você é de outro tempo” ou “você é de outra década”. Claro que nós, mais velhos, temos uma vingança. Eu digo aos meus filhos e, às vezes, minha mãe fala aos seus netos: “Os filhos de vocês dirão que vocês são de outro século e ainda mais, dirão que são de outro milênio!”

Quando fazia faculdade e comecei a estudar mais filosofia, ficava impressionado ao ler a biografia de um autor que dizia ter “nascido em meados do século passado”.. Faltam quatro anos para isso acontecer comigo. Se conseguir ficar famoso até lá, irão dizer: Mário Sérgio Cortella, nascido em meados do século passado..

Por que isso é tão terrificante? Existe uma velocidade que hoje é diferente e que marca imensamente o modo das relações. Primeira grande mudança: velocidade. Velocidade do quê? Velocidade das relações, acompanhada de nova tecnologia (que acelera tudo ainda mais).

Parece bobagem, mas a nossa existência, hoje, povoada de aparelhos, sofreu uma grande transformação no que diz respeito ao mundo de nossas relações, um novo mundo de fato, não uma coisa hipotética. Vejamos alguns objetos que, trinta anos atrás, não existiam em nossas casas (nas famílias de classe média) e as

mudanças que provocaram.

**Microondas.** Para esquentar comida as pessoas usavam um método “arcaico” que era o fogão a gás ou até fogão a lenha; mais ainda, em Minas Gerais, muita gente usava aquele método tradicional de colocar toda a comida numa panela e fazer um mexido; alguns até jogavam ovo em cima para ficar mais saboroso. De fato, era uma delícia, sobretudo se comendo em prato fundo e com colher.

**Vídeo cassete.** Não havia videocassete de cabeça alguma, hoje tem até de oito. Quando alguém queria assistir a algum filme, ia ao cinema ou assistia tevê, que tinha poucos canais.

**Computador.** Atenção para o que vou dizer agora: o primeiro computador pessoal, o primeiro PC é de 1982; portanto tem 14 anos. Mas dá a impressão de que sempre existiu. Quanto à Internet, nem em sonhos.

**Telefone celular.** Quando eu era criança, o telefone era um aparelho que tinha duas baterias de carbureto atrás e para fazê-lo funcionar girava-se uma manivela, ele dava um toque para a telefonista que o tirava do gancho e o conectava, completando a ligação. Depois, apareceu o telefone sem manivela, mas tinha que se tirar do gancho, dar umas pancadas para funcionar. Depois, apareceu o telefone de disco, uma grande invenção. Em seguida, veio aquele com tecla, e agora temos o celular. Como se não bastasse, os japoneses já estão pensando em lançar, dentro

de quatro anos, um celular no relógio de pulso com um pequeno vídeo, aquilo que os Jetsons tinham. Portanto, os Jetsons já estão ficando ultrapassados.

**Teve colorida e TV a cabo.** A televisão colorida, no Brasil, é do início dos anos 70. Quando meus filhos eram menores, não conseguiam entender como é que alguém, para mudar de canal, tinha que se levantar (não havia controle remoto!). Levantava, ia lá, mudava, sentava, levantava outra vez, mudava. Claro que a taxa de colesterol era menor, porque se fazia algum exercício! E se contasse para eles que, dependendo do lugar em que se vivia, era apenas um canal e em preto-e-branco!? A primeira vez que eu vi televisão foi em 1964. Tinha dez anos de idade.

**Compact Disc.** Quem quisesse ouvir música, era disco tipo bolacha. Em casa tinha a vitrola que normalmente ficava na sala, nela ouviam-se todos os chiados. Hoje (3/12/96) tem uma matéria nos jornais falando que o Brasil, maior consumidor de disco de vinil até alguns anos atrás, teve sua produção reduzida de 18 milhões/ano para 1,5 milhão e a tendência é desaparecer. Isso, porque a tecnologia se desenvolveu, barateando os custos de produção do compact disc.

**Fax.** Se alguém quisesse mandar algo para outrem, ou era entregue, ou era enviado pelo correio; não havia outro jeito.

**Freezer.** Se alguém quisesse guardar comida, tinha que usar o método arcaico



da roça, que era o de deixar a comida em lugar mais fresco e protegido. Para se conservar a carne suína matava-se o porco e, depois de fritá-lo, jogava-se tudo na sua própria gordura. Aquilo durava um tempão naquelas latonas. Era uma delícia para comer, bastava tirar com a concha, colocar na frigideira e saborear, sentindo as artérias estalando, enquanto se comia! Fantástico!

Secretária eletrônica. Antes era obrigado a atender as ligações, mesmo nos “melhores” momentos. Tinha que se atender aquela pessoa que, todo dia, te ligava para contar as mesmas histórias.

Carro. Tinha carburador; hoje tem injeção eletrônica. Imaginem alguém que passou anos especializando-se em arrumar carburadores. O cúmulo da sofisticação que fazia o grande mecânico, era regular o carro no ouvido.

Não pretendo me estender mais; queria apenas enfatizar que este mundo mudou muito, e numa velocidade inacreditável. Por isso, muitos de nós temos dificuldades em acompanhá-lo; mundo que é nosso também.

Trauma de pai, mãe, avô e avó, é quando eles ganham algum aparelho eletrônico e não sabem fazer funcionar. Qualquer fedelho de quatro anos de idade vai lá e ajeita tudo. Tanto que é comum chamar o filho ou o neto: “Arruma essa porcaria porque eu não consigo”. Eles ajustam o videocassete, mexem na tevê, acertam qualquer aparelho com

a maior facilidade; ficamos pasmos na frente desse bicho de sete cabeças. E perguntando-nos: onde está o mundo que eu vivi? Onde está o meu “eu” que ficou lá atrás no tempo? Por isso, muita gente fica atordoada e diz: “Este mundo está perdido”. Entretanto, o meu “eu” não ficou lá atrás, está aqui, hoje e agora.

## O “NOVO” VELHO NO “NOVO” MUNDO

Como fica o velho “nessa”? Mudou também o conceito de idoso? Idoso não é apenas aquele que tem mais idade. Idoso é aquele que não consegue mais se situar dentro dessa relação toda. Tanto que se diz: “esse é um velho adequado, pra frente”, quando alguns se adaptam a essa nova ordem das coisas.

Outro dia, uma amiga me disse que estava fazendo pós-graduação. Disse textualmente: “resolvi estudar depois de velha”. Essa frase não é verdadeira; o correto, se o critério for a idade, é “resolvi estudar depois de nova” por que depois de velha não tem mais jeito, pois é o fim.

Essa mudança de concepção de idoso precisa ser pensada. As relações mudaram e isso acarretou uma dupla situação: de um lado, certa exaltação ego-narcisista, isto é, a pessoa se fecha no próprio mundo e nas próprias coisas. A segunda situação é a da precariedade dessas relações.

Algumas décadas atrás, o idoso foi fundamental na sociedade, principal-

mente porque era o depositário de toda uma experiência e de conhecimentos acumulados. Hoje, as coisas inverteram-se na prática: a experiência, em relação ao que passou, não tem tanto valor, e sim o conhecimento da novidade, daquilo que está vindo, chegando. Isso causou grande impacto no mundo do trabalho, no mundo dos relacionamentos e no mundo familiar. Hoje, estar atualizado significa ser atual imediatamente. Vê-se que o idoso não tem valor porque perdeu um de seus grandes trunfos, o fato de ser o depositário de conhecimentos acumulados. O conhecimento acumulado foi importante em alguns momentos e hoje perdeu, em grande parte, essa importância.

Essa reflexão que fiz sobre os 30 anos de tecnologia levaram, inclusive, a que tivéssemos outros meios tecnológicos de acumular conhecimento, de guardá-lo e não só nas pessoas em si, porque cada vez mais a competência vai passando das pessoas para o processo de produção e para a tecnologia. Quem guarda o conhecimento, no mundo do trabalho hoje, é, em grande parte, a inteligência artificial, são as máquinas.

Ora, isso nos traz algumas questões; a primeira delas é sobre essa relação com a tecnologia. Vou tentar mostrar como é esse impacto no dia-a-dia. Para isso vou descrever uma série de situações e como aconteciam anteriormente.

Quando era criança, e me refiro a ela porque é a minha experiência de tem-

po, minha casa ainda não era composta de “tocas” individuais. Havia uma sala e também os quartos. No final da tarde, começo da noite, todo mundo entrava, ia para os quartos e voltava para a sala, local de encontro. Num canto ficava o aparelho de tevê, noutro a mesa de jantar, mais além o aparelho de som. À noite se fazia uma coisa “inacreditável” que era conviver. Para ilustrar mais esse processo de mudança, quero descrever minha casa com mais detalhes. Havia uma mesa de jantar com as cadeiras e uma cristaleira das antigas, onde minha mãe guardava tudo o que tinha ganho no casamento: cristais, louças etc, que eram para ser usados em dias especiais. Nunca foram usados e, com o passar dos anos, foram sendo quebradas ou distribuídas entre filhos e netos. Também havia poltronas, uma aqui, outra acolá. Estava presente a cadeira do papai, uma cadeira de balanço, o local da autoridade. Tinha ainda um altazinho com Nossa Senhora. Toda noite nos reuníamos para ouvir a rádio Mayrink Veiga, do Rio de Janeiro, a Rádio Nacional, o programa “Balança, Mas Não Cai”, o “PRK-30”, etc; e fazíamos uma coisa incrivelmente arcaica: conversávamos. A conversa girava em torno das histórias da família e ensejava broncas e risadas. Isso se dava em dois momentos: sentados na sala e à mesa, durante as refeições.

Em 1964 chegou a televisão em minha terra e aconteceu o seguinte fenômeno: mudou a disposição dos móveis



na sala: a cadeira do papai veio para um lado, o sofá para outro, saiu Nossa Senhora Aparecida do seu posto de honra e entrou um aparelho de tevê Telefunken no seu lugar. Agora, toda a família se sentava virada para a televisão e aquela conversa gostosa se tornou cada vez mais rara. Todos ficavam o tempo todo ligados na telinha. Visita chata era aquela que chegava justamente na hora da melhor cena do filme ou da novela.

Algumas emissoras usam, de forma clássica, a teoria de condicionamento do Pavlov, de estímulo e resposta. Basta observar. Fernando Sabino, escritor mineiro, costuma dizer que a televisão é “o chiclete dos olhos”. Isso porque, mesmo que tenha perdido o sabor, a gente continua mascando com os olhos. Muitos afirmam que o único lazer que cabe ao idoso é assistir tevê, é ficar mascando chiclete sem gosto durante horas e horas. Não que a televisão não tenha coisas boas; tê-la como única opção, é uma crueldade.

É muito interessante a cena: todo mundo estático, com jornal, tricô e crochê no colo e olhos fitos na tela. Silêncio absoluto. De repente, faz: “plim-plim”. Volta-se à leitura do jornal e aos pontos do tricô e do crochê. Alguém se levanta e vai ao banheiro. Dali a três minutos, de novo: “plim-plim” e volta toda a cena anterior.

Com o barateamento da tecnologia novas mudanças apareceram. O único aparelho de TV, que existia em cada casa

e que ficava na sala, multiplicou-se pelo menos entre a classe média, e foi um para cada quarto. Mais ainda, nas famílias de classe média para cima, com a variedade de opções, cada um assiste ao programa que quer encado em seu quarto. O mesmo acontece com os aparelhos de som, que se tornaram “micro” (sem falar dos walkman) e também foram para dentro dos quartos. Era inevitável essa evolução no comportamento das pessoas.

Acontece, então, que a única experiência de convívio é a hora da refeição. Mas, apareceu o tal do microondas e cada um come na hora que quer. Resultado: não existe mais convivência. Não havendo mais convivência, os conflitos não vêm à tona, histórias não são contadas, as pessoas perdem, paulatinamente, parte de sua identidade familiar. Nessa relação familiar também o idoso vai perdendo importância. Se, em alguns momentos da história, ele foi um elo de ligação com a identidade da família, nesse novo contexto, vai deixando de sê-lo.

Em muitas famílias ainda se busca manter o hábito da convivência. Mas, no conjunto, isso não existe mais; as pessoas não se sentam mais para conversar. Apesar das broncas, a refeição era o momento de dar risada, de comentar os últimos acontecimentos, de brincar uns com os outros etc. Ali se reconstituía a identidade do grupo familiar, do qual o idoso era também depositário e transmissor. Ele sabia os nomes, a história, a origem de tudo e

de todos. Hoje, as pessoas conseguem viver na mesma casa sem se encontrarem.

Frei Betto, grande pensador, tem uma frase fantástica. Ele diz que hoje, no final do Século XX, a tecnologia nos permite, pela Internet, ter um amigo íntimo em Cingapura, com quem conversamos todo dia, por duas horas, no computador. Sabemos do que ele gosta, o que come etc.; e dispensamos de saber o nome do vizinho da porta da frente, que só vamos saber quem ele é no dia em que aparece o aviso no elevador: "Missa de sétimo dia para fulano de tal, apartamento tal". A família não convive mais no dia-a-dia; só em casamentos, em festas, encontros, em momentos de dor e de luto, ou nos almoços de domingo. Resultado: é nessa hora que os conflitos emergem e explodem. O escasso contato diário permite que problemas se acumulem e gerem os conflitos que acabam explodindo nesses encontros esporádicos. Justamente, na hora em que se devem tomar decisões importantes e tratar de assuntos que interessam a toda a família, como transmitir princípios e normas que levem à continuidade da educação do grupo familiar.

O que tudo isso tem a ver com o idoso? Isso nada tem a ver com o idoso em si, mas com o conjunto das relações. É óbvio que não estou dizendo que a tecnologia seja uma coisa ruim, mas, ela não é só boa. A tecnologia também tem que vir acompanhada de algumas mudanças

de atitude. Como dissemos, o idoso, que por muito tempo foi o depositário de conhecimento, da identidade do grupo ou até de experiências acumuladas de saber, cada vez mais vai sendo colocado como um ser não necessário. Isso pode parecer absurdo. Antes, o idoso era até necessário para identificar fotos de um álbum de família. Via-se uma foto e perguntava-se: "Quem é esse, vô? Quem é esse, mãe?". Hoje, com o "scanner" do computador, pode-se guardar tudo já identificado; não é preciso ficar no álbum; um só cd pequeno já arquiva todas as fotos da família. Estou no limite para pensarmos sobre esse nosso cotidiano.

O idoso, em nosso país, tem que voltar a ser importante, porque, de fato, ele perdeu essa importância. Ele o é enquanto dignidade, mas perdeu muito do seu valor social. Muitos idosos se colocaram fora desse mundo, dizendo aquela frase do início: "Este mundo está perdido". Não, não está. Esta frase é acompanhada de uma outra, muito complicada, que é: "No meu tempo não era assim". Como no meu tempo? Nosso tempo é agora. Diz Millôr Fernandes, grande filósofo, cartunista e escritor: Atenção moçada, quando eu disser "no meu tempo", quero dizer "daqui a dez anos". E ele tem mais de 70 anos. Qual é o meu tempo? O meu tempo é agora; é enquanto estou vivo.

## A NEGAÇÃO DOS FATALISMOS

Já dissemos que as relações, hoje, são precárias, o que também é novidade. Há algumas décadas, o idoso pontificava, isto é, dizia como é que tinha que ser feito, como é que tinha que ser pensado. A grande novidade desse final de século - bonita demais - é a liberdade. Liberdade de pensar, de fazer, de usar cabelo comprido ou curto, de usar brinco ou não, roupa curta, apertada ou larga.

Significa isso que as coisas não têm mais parâmetro? Não. O parâmetro é a possibilidade de sermos cada vez mais livres. Afinal de contas, é isso que caracteriza o ser humano. Qual a primeira palavra que o ser humano aprende a dizer? Não é "mamãe", esta é a segunda e depois de muito treinamento. A terceira é "papai", porque a mãe, com "dor de consciência", ensina a criança a falar. Mas, a primeira palavra que o ser humano aprende a falar é "não", e é isso que nos distingue dos outros seres. Os outros seres não dizem "não" apenas pelo fato de não saberem falar, mas, porque não têm livre arbítrio. Só pode dizer "não" quem pode dizer "sim".

É claro que a criança não nasce sabendo o que é "não", mas ela vai aprendendo com a ênfase que damos, com a linguagem etc. A atitude de ser capaz de dizer "não" é fundamental. Você vai com a mamadeira e a criança diz "não", insiste, e ela fecha a boca, você faz ela engolir e ela cospe em você. Isso é humano. Somos o único animal que recusa constantemente

a imposição da força. Somos um animal que recusa a ditadura dos fatos. Queremos algo diferente e somos capazes de fazer diferente.

Existe uma ditadura quando se pensa e se fala que "o idoso não tem saída, não tem lugar, não tem espaço". Muitos aceitam essa ditadura, outros são capazes de dizer o "não" humano.

Dizer "não" é, portanto, uma característica humana. Uma cena clássica é a da mãe andando com uma criança de cinco anos na rua. De repente, a criança pára e diz: "Eu quero". "A mamãe não tem dinheiro". "Mas eu quero". "Você não tem que querer, não pode". Ela começa a chorar, que é o jeito dela dizer "não". A mãe larga e vai andando: "Você vai ficar aí, ouviu, vou te deixar sozinha". E vai embora. Como a criança não vem ao seu encontro, ela volta e fala: "Estou te avisando, você vai ficar aí sozinha". Como a criança não anda, ela a pega, a arrasta e a criança vem, freiando com os pezinhos. Ela está dizendo "não".

Se um gato enfiar a pata numa tomada, ele toma choque e nunca mais põe a pata ali. A criança põe o dedo numa tomada, toma choque. Você fala: "Tá vendo? É perigoso, não põe o dedo aí". No outro dia, ela vai lá e põe o dedo novamente. Você põe um protetor de tomada; ela o arranca e enfiar o dedo de novo. O ditado "gato escaldado tem medo de água fria" vale para gatos, não para humanos, senão, por exemplo, ninguém casaria duas vezes...

Ora, o que é que o humano é capaz de fazer? Ele é capaz de dizer não à realidade para criar outra realidade; é capaz de negar a ditadura dos fatos; é capaz de fazer outra coisa. Se alguém diz “não faz”, ele insiste. Então se diz: “Essa é uma pessoa louca”. Não! Essa é uma pessoa... humana. Ser humano é ser capaz de dizer “não”; é ser capaz, evidentemente, de dizer “sim”. Só o “não” consciente gera o “sim” consciente.

Somos livres. Tem gente que diz: “Eu gostaria de ser livre como um pássaro”. Isso é um absurdo! Os pássaros não são livres, pois, não podem não voar; não podem escolher para onde voam, e voam sem saber porque. Não somos livres como pássaros, somos livres como humanos, que podem escolher várias coisas; não escolher totalmente, mas, escolher num determinado campo.

Um dos aspectos mais evidentes neste fim de século, quando se aborda o problema do idoso, é a questão dos valores. Ouve-se dizer, por exemplo, que “a juventude de hoje não tem mais moral”. Qual moral? A de 30 anos atrás, em que uma mulher passava 40 anos casada com um homem, que tinha outra família, que ela conhecia e ficava quieta? A moral em que o filho era levado pelo pai, pelo tio, pelo avô a uma zona de prostituição para ele aprender a ser homem, enquanto que a menina vivia trancada em casa? A moral em que as pessoas tinham que fingir que gostavam? A moral que consistia

em ir à igreja rezar todos os dias ou aos domingos, mas, nada tinha a ver com os direitos salariais dos empregados e sua condição de vida?

Que moral é essa de hoje? Sem dúvida, uma moral diferente. Talvez, um pouquinho mais autêntica, mais aberta. Alguém dirá: “no meu tempo era outra coisa, as pessoas tinham religião, as pessoas iam à igreja, rezavam”. Isso resolveu os problemas? As crianças deixaram de morrer de fome? Os homens deixaram de trair as mulheres?

Há trinta anos, se eu chegasse à noite e encontrasse minha mulher e meu amigo de infância em “permutas interpessoais de unidades calóricas”, o esperado era que eu desse um tiro nos dois: nela, por ser “vagabunda”, e nele porque me traiu. Era uma questão de honra que deveria ser lavada em sangue. Era compreensível que eu descarregasse seis tiros nela e o júri não me condenaria. Há vinte anos, era esperado que eu desse um tiro nela. Há dez, que eu colocasse os dois para fora de casa a tapas. Há cinco, que eu saísse de casa. E agora? Que eu sente e chore? Não. Hoje, se espera que eu rompa a relação. Hoje, não tem mais sentido matá-la nem dar tapas, pois a minha honra não está (e nunca deveria ter estado) no que a outra pessoa está fazendo.

Interessante é que essa mesma moral atual, tão criticada, estabeleceu que os trabalhadores não podem traba-



lhar mais do que oito horas por dia. Há mais de cem anos que a escravatura foi oficialmente abolida no Brasil. Naquele tempo, porém, fazia parte da moral que um ser humano fosse tratado por outro como animal, como propriedade, como objeto. Hoje, isso é inadmissível.

Será que “este mundo está perdido”? Não, ele está diferente, e a gente precisa se construir dentro dele.

## O IMPACTO DAS MUDANÇAS E O DESEJO DE VIDA

Se é certo que a tecnologia não trouxe só coisas positivas, é certo também, que ela facilitou extremamente nossa vida; nos trouxe mais conforto e maiores condições de administrar nossa existência.

O processo de integração, contudo, traz consigo alguns problemas, que afetam a todos nós e também o idoso. Por isso, é diferente ser idoso no fim do século XX. Uma pessoa do final do século XIX não tinha essas questões. O mundo era mais tranqüilo. Aliás, a humanidade sofreu impactos sucessivos nos últimos quinhentos anos. E como mudou nossa cabeça nos últimos quinhentos anos! Imaginem: estamos no século XV ou XVI. Que delícia pensar assim: o mundo é um universo circular, finito; a terra é o centro do universo, o homem está no centro da Terra; a alma no centro do Homem. Tudo

tranqüilo, em ordem, e Deus tomando conta de tudo!

Daí, no século XVII, aparece o primeiro “louco”, Galileu, que diz: “Não é nada disso; isso que vocês vêem não existe!” Todo mundo via (e verá ainda por muitos séculos) o que parece óbvio: o movimento do sol que nasce num ponto, percorre o céu e se põe em outro ponto. Mas Galileu conseguiu pensar diferente. Tinha que ser muito louco para dizer que aquilo era uma treta de Deus, que não é o sol que se movimentava, mas, a terra é que se movimentava em torno dela mesma. Esse seu rompimento com séculos de tradição lhe valeu ser preso pela Igreja, que na época representava todo o poder, e condenado pela ciência.

Enfim, estava dito que a Terra não era mais o centro do universo. Entretanto, o Homem continuava sendo o centro da Terra e a alma o centro do Homem. Aí, chega um tal de Darwin, no século XIX, e diz: “cuidado, achamos que fomos criados um pouco abaixo dos anjos, mas, de fato, estamos um pouco acima dos macacos!” Foi outro escândalo.

Darwin demorou vinte anos para divulgar suas obras. Por que? Porque ele mesmo ficou impactado com suas afirmações. Não estou nem entrando na discussão sob o ponto de vista da religião, mas sob o ponto de vista da auto-imagem humana. Auto imagem de se supor que não estamos um pouco abaixo dos anjos, mas, sim, um pouco

acima dos macacos. Isto significa que somos fruto de uma evolução que poderia nos levar a outra direção. Isso foi um impacto muito forte. Nossa auto-imagem despedaçou-se.

Não somos mais o centro do mundo, mas, pelo menos, a alma é o centro do homem. Isso, até que Freud (no início do século XX) botou mais água na fervura e disse: “gente, além de corpo e alma, temos um “porãozinho”, o inconsciente, que nos controla. Tanto é que, quando bobeamos, ele vem à tona”.

Nesses quinhentos anos, portanto, a auto-imagem humana foi tremendamente desfigurada e chegamos ao século XX em condições fantásticas, com um poder de criação maravilhoso e com um poder de destruição ainda maior. Assim, no século XX, que seria o século da ciência, tivemos duas guerras que aniquilaram milhões de pessoas. Chegamos, neste final de século, a nos constituir no ser mais poderoso do planeta, e também, o que conseguiu maior nível de violência, morte e desprezo. Hoje, a humanidade está dividida em dois blocos: 2/3 passam fome e 1/3 faz dieta para não engordar. São Paulo é a cidade mais rica do Brasil e também a mais pobre; e assim, por diante. É o final de século das disparidades, das discriminações, das desigualdades sociais, das exclusões.

O idoso entrou neste final de século disputando espaço com os outros excluídos, ou seja, as crianças, os desempre-

gados, os portadores de HIV, as minorias raciais, etc. Não é uma luta tranqüila; primeiro porque, quase sempre, quando se fala em programas de melhoria da qualidade de vida do idoso, se diz: “temos outras necessidades; precisamos pensar nas crianças, nas mulheres etc”, e, eventualmente, no idoso. Este fica esquecido, inclusive porque não dá fama. Ele só dá prestígio em alguns momentos, quando se vai fiscalizar um asilo, por exemplo. Há muita preocupação com creches e pouca com asilos. Ora, esses dois pólos são conexos em virtude de uma mesma coisa, que se chama vida.

Gostaria de fazer uma última reflexão: por que é que nós, humanos, estamos aqui? Afinal de contas, o que estamos fazendo aqui? O que viemos fazer nesta vida?

A ciência, a religião e a arte já tentaram responder a essa pergunta e neste final de século ainda não temos uma resposta muito clara. O curioso é que algumas pessoas acham que elas é que dão o sentido da vida, tudo deve convergir para elas. Ainda existem pessoas, em pleno final do século XX, que empinam o nariz e dizem: “você não sabem nada, você não entendem nada”.

Quando era criança, ouvi, várias vezes, esta frase: “Olha, há duas maneiras de agir na vida: de uma maneira errada ou do meu jeito. Você escolhe, você é livre”. Costumamos brincar que se trata da escolha de Adão no paraíso. Deus fez

Adão e depois Eva. Chamou Adão e disse-lhe: “Vá lá e escolha uma mulher”. Essa colocação nos leva a uma outra questão: qual é o sentido de nossa existência? O que somos? No século IV antes de Cristo, Aristóteles definiu o ser humano como um animal racional. É isso que nos define? No século V a.C., Platão também dizia que o homem é um bípede implume. No começo do século XX, Fernando Pessoa deu uma definição fantástica, difícil de assimilar; dizia que “o homem é um cadáver adiado”; o que é uma definição bem forte, bem técnica.

Quem somos nós, no final do século XX? A ciência, por hipótese, já sabe algumas coisas. A primeira, que há 15 bilhões de anos houve uma grande explosão - o Big-Bang - e o aparecimento desse universo que, provavelmente, tem o formato cilíndrico. Por que cilíndrico? Por causa da curvatura do espaço. Se, há algumas décadas, fizesse esta afirmação eu seria internado. A ciência levanta também a hipótese de terem aparecido outros universos.

Há 15 bilhões de anos, portanto, essa explosão lançou matéria e energia, a uma velocidade inimaginável, que se concentraram em grandes massas estelares; estas massas estelares em galáxias, que são agrupamentos de estrelas. A ciência calcula existirem 200 bilhões de galáxias. Uma dessas galáxias é a nossa, a Via Láctea, que tem 100 bilhões de estrelas. Estamos, assim, numa galáxia que

tem 100 bilhões de estrelas, que é uma galáxia entre outras 200 bilhões. Uma dessas estrelas é o sol, estrela pequena, de quinta grandeza. O sol é uma estrelinha entre outras 100 bilhões de estrelas, que compõem uma única galáxia entre outras 200 bilhões de galáxias. Em volta dessa estrelinha giram algumas massas planetárias; um desses planetas é a Terra. A Terra é um planetinha, que gira em torno de uma estrelinha, entre outras 100 bilhões de estrelas, compondo uma única galáxia entre outras 200 bilhões de galáxias.

Na terra existe uma coisa chamada vida. A ciência já catalogou por volta de três milhões de espécies diferentes, embora exista a hipótese de que haja mais de 30 milhões de espécies. Aliás, é curioso que numa coisa desse tamanho, tem gente que acha que só tem vida aqui. São três milhões de espécies de seres vivos. E tem gente que acha que Deus fez tudo isso aqui só para a gente existir; fez bilhões de estrelas e galáxias, tudo isso, só para a gente estar aqui, como se Deus tivesse tempo para desperdiçar com uma moldura desse tamanho. É lógico que somos importantes, mas também, não precisamos imaginar que somos os únicos seres desse porte que a divindade fez.

São três milhões de espécies de seres vivos; uma dessas espécies é o “Homo Sapiens”. Nossa espécie é uma espécie entre outras três milhões de espécies de vidas diferentes que vivem



num planetinha, que gira em torno de uma estrelinha, que é uma, dentre outras 100 bilhões de estrelas, compondo uma única galáxia, dentre outras 200 bilhões de galáxias. Essa espécie, o “Homo Sapiens Sapiens”, que é a nossa, tem hoje 5,4 bilhões de indivíduos. Um deles sou eu; um indivíduo entre outros 5,4 bilhões que pertencem a uma única espécie de vida, entre outras 3 milhões de espécies diferentes que vivem num planetinha, que gira em torno de uma estrelinha, entre outras 100 bilhões de estrelas que compõem uma única galáxia, entre outras 200 bilhões de galáxias.

Quem sou eu para me considerar o único que pensa certo? Quem sou eu, para achar que o único modo de ser humano é o meu? Quem sou, portanto, eu, para considerar que o mundo adequado é aquele que eu vivo, aquele que eu penso, aquele que eu faço? Quem sou eu? O vice-treco do sub-treço.

Para que isso tudo? O que significa isso? Vida, o que é vida? Vida é movimento? Vida é capacidade de reproduzir? O que é vida para nós, humanos? Coisa difícil de definir, discussão séria. Vida para nós é uma coisa complicada. Vida para nós é um intervalo entre o nascimento e a morte.

Nascer é muito complicado. Guimarães Rosa já dizia que “viver é muito perigoso” e, acrescentamos, nascer é muito complicado. Imaginem estar no útero da mãe, numa boa, nove meses, só boiando no meio líquido - o que é extremamente

agradável - quase sem luz, sem ruído, não tem que procurar alimento, não tem que respirar, não tem que fazer nada, nove meses só morgando; ali tranqüilo e sossegado. De repente, nove meses depois, começa um movimento que não se sabe de onde vem, o movimento interno, o partejamento. De repente, esvazia o meio líquido onde estamos. Sentimos pressão por dentro, começa um buliçamento que desconhecemos. E saímos. Saímos e damos de cara com um meio de ar, luz e ruído. Pela primeira vez sentimos contato, alguém nos puxa e ainda dá um tapa. Aí, fazemos o primeiro gesto humano, que é inspirar, porque o último vai ser expirar. A vida é esse intervalo entre a primeira inspiração e a última expiração.

Viver é perigoso, nascer é complicado. A vida média já foi de 20, 30, 40 anos. Na ciência está quase comprovado que nosso corpo tem condições de suportar 120 anos. Nosso corpo tem, mas, e a nossa cabeça, será que tem? Será que eu desejo viver 120 anos? Hoje, a média é de 60, 65 anos, em alguns lugares chega a 70, 75 anos. No entanto, como são divididos esses 60? Mais ou menos assim: do zero aos 20, a gente está se estruturando fisicamente, se estruturando em termos de conhecimentos, se estruturando psiquicamente, organizando nossa estrutura de relações etc; dos 20 aos 40, estamos produzindo outros humanos, e reproduzindo trabalho em intensidade; dos 40 aos 60 começa a desmontagem, quando

o “check-in” do desembarque começa a ser feito. Começa a falhar a máquina, a estrutura. É quando começa a cair ou branquear o cabelo e muitas pessoas começam a ficar preocupadas. Minha vó dizia: “meu filho, não se preocupe, se cabelo fosse importante estaria do lado de dentro da cabeça”.

Em relação ao tempo de vida, gostaria de fazer outra observação: uma pessoa que dorme oito horas, gasta um terço de seu dia. Num vida média de 60 anos, essa pessoa vai passar 20 anos dormindo. Se essa mesma pessoa mora em São Paulo, no Rio ou em uma grande cidade, ficará uma média de três horas diárias no trânsito. Portanto, de 20 aos 60 anos são oito anos de trânsito. Agora, pensem: de zero aos 20 estamos nos estruturando; dos 20 aos 40 estamos produzindo; dos 40 aos 60 estamos desmontando a máquina. Assim passamos 20 anos dormindo e oito no trânsito. E tem gente que, na segunda feira, quando você pergunta o que fez no final de semana, responde: “dormi direto, aproveitei”!...

Não sei até que ponto dormir, além de necessidade biológica, seja aproveitar a vida. Há tantas surpresas e contratempos com os quais não podemos contar, que o que nos resta deve ser aproveitado ao máximo.

Eu, por exemplo, que estou nessa fase e sei, não é uma hipótese, que tenho menos dias para viver do que o número de dias que já vivi. Isso é concreto.

Começa a desmontagem. Como é que a gente sabe? Porque começa a falhar a máquina. Damos uma corridinha e ficamos cansados. No café da manhã tem cada vez menos comida e mais caixinhas de remédios. Nas refeições, “isso pode, isso não pode, isso pode com moderação, etc.”. E o que não pode é sempre mais gostoso. Não pode porque se eu comer aquilo eu vou morrer, mas, se eu não comer, também. Aí, diria a ciência: se você fizer isso, você acelera. Será? Estou passando ali pelo Jabaquara para comprar pão na padaria e, de repente, “plá”, um boeing cai em cima de mim. Pergunto: que adiantou passar os últimos 30 anos sem comer gordura, ovo, aquela costelinha, a feijoada, se não consegui prever que um avião iria cair em cima de mim... Aí, a ciência diz: mas essa é uma chance em um bilhão. Mas não deixa de ser uma chance que acontece.

Por que tudo isso? Para chegar a uma pergunta: para que viver? Vale a pena? A gente nasce, cresce, fica bobo, como dizia a música de carnaval, e casa. Trabalha, ganha dinheiro, compra casa, estuda, se forma, faz mestrado, doutorado etc., e morre. Não gostamos da idéia de morte, não gostamos da idéia de fim. Por isso, muitos de nós imaginam que o fim da vida não é a morte, é só uma passagem para uma outra situação, para um outro plano, para um outro corpo, dependendo da religião.

Por outro lado, sabemos que a existência seria insuportável se a gente vivesse uma eternidade; é duro esse cotidiano, esse dia-a-dia. Há vários filmes que lidam com essa idéia da imortalidade como uma coisa difícil. Não gostamos da idéia do “para sempre”, mas também não gostamos do precário excessivo. Não gostamos da idéia da morte, tanto que afastamos isso. A criança é treinada, desde pequena, a não tocar nesse tema. Quando ela diz: “Pai, quando você morrer, quem vai ficar comigo? Vô, quando você morrer, quem vai ficar com a sua cadeira?”. E a pessoa a treina: “Filha, não é assim que se fala, não é “quando”, é “se”; a frase é “Se você morrer, quem vai cuidar de mim?”. É claro que não é um problema de hipótese, não é um problema de condicional, não é um problema lingüístico.

A morte é uma questão de data. Ninguém morre antes da hora. Eu, quando morrer, vou morrer sob protesto, esperando, se for possível. Eu não quero ir, quero ficar o máximo possível. Ficar para quê? Para dar mais trabalho aos outros? Para as pessoas me deixarem no canto e não conversarem mais comigo? Para ficar numa sociedade que cuida de crianças e não quer cuidar dos velhos? Acham uma beleza a criança no bercinho, mas não conseguem suportar um idoso numa cama hospitalar. Acham fantástico e uma belezinha uma criancinha sendo empurrada num carrinho, mas acham

que um idoso numa cadeira de rodas só atrapalha. Para ficar numa sociedade que tem o jardim da infância como imagem bonita, como o jardim do Éden, das delícias e o asilo como uma coisa apenas tolerável. O mais grave é que muitos não compreendem que o carinho, a atenção que devem ser dados à criança, também devem ser dados ao idoso. Ele é tão frágil e carente como a criança, porque ambos são humanos. E os humanos são frágeis sempre, não importa a idade.

Engraçado, detestamos tanto essa idéia de morte, que somos seres que se alimentam fundamentalmente de coisas mortas, mas, não assumimos isso de jeito nenhum. Se afirmar que nos alimentamos basicamente de cadáveres, todo mundo reage: “Imagine se eu como cadáver”. Não? Nós somos o animal que mais come cadáveres. Temos até um instrumento para guardar cadáveres, como o freezer. Se você abre o freezer, está cheio de cadáveres: cadáver de peixe, cadáver de frango, cadáver de boi. Podem dizer: “Mas aquilo não é cadáver, aquilo é um frango resfriado”. Se você vai à feira, tem bancas de cadáver de frango, só de moela, só de coxinha, de coraçãozinho, etc. A feijoada e os rodízios são um festival cadavérico!

No entanto, nós gostamos mesmo é de vida. E vida em abundância...

VIVENDO E ESPERANÇANDO



Por fim, repensando o envelhecer (mito e razão), tem a ciência condições, hoje, de prolongar a existência? Tem. Ela tem por quê prolongar? Ainda não. Vale a pena prolongar? Vai depender do que nós construímos, vai depender do “não” que nós dissermos. Não a quê? Não ao isolamento do idoso, não aos preconceitos que existem contra ele. Uma frase clássica diz: “A grande diferença entre o jovem e o idoso é que o jovem tem tempo, mas, não tem projetos; o idoso tem projetos, mas, não tem tempo”. A junção disso é o fundamental. Muitos jovens reclamam que, quando vão conversar com o idoso, ele só fala do passado. Do que ele pode falar? Pode falar da sua obra. Eu não sou ainda tão idoso, mas, ninguém perguntaria a mim: “O que você espera? O que você vai ser um dia?”. Eu sei quais são os limites.

A questão fundamental é como juntar de maneira que os projetos se realizem no tempo que o idoso tem, que ele saiba lidar com o tempo, não como um tempo perdido ou como um tempo de espera. Muitos idosos têm a noção do tempo como tempo de espera. “Como está, dona Maria?”. - “Estou aqui, esperando a hora que Deus vai me levar. Nesse Natal estou com vocês, no próximo, não sei se estarei”. É uma chantagem pesadíssima: “Esse pode ser meu último Natal com vocês”. É verdade? É. Mas, adquirir esse espírito é assumir o espírito de estar sempre se preparando para partir. Fernando

Pessoa dizia: “Na véspera de não partir nunca, ao menos não há que arrumar malas”. Muita gente acha que existe um fim da vida presumido que ele tem que ficar esperando. Não é verdade. A nossa sociedade também acha, não é só o idoso.

Por último, não acredito, de modo algum, que uma pessoa quanto mais viva mais velha ela fica. Para que alguém quanto mais vivesse mais velho ficasse, teria que ter nascido pronto e ir se gastando. Isso acontece com sapato, geladeira, fogão, que vêm prontos e vão se gastando. Eu, Mário Sérgio, não nasci pronto e vim me fazendo. Eu sou o mais novo Mário Sérgio em 1996; eu sou a minha mais nova edição, revista, um pouco ampliada, mas, sou a minha mais nova edição. Está claro isso? Eu sou o mais novo de mim. Essa lógica, de que uma pessoa quanto mais vive mais velha fica, parte do princípio de que o humano nasce pronto. O humano não nasce pronto; o humano nasce se fazendo. Eu sou o mais novo de mim. Há coisas que eu deixei e outras que eu carrego. Eu não posso dizer: “no meu tempo”, porque o meu tempo é hoje. Eu não posso dizer como disse a colega: “Depois de velha, resolvi estudar”. A frase “depois de velho” significa morto, porque essa é a única alternativa.

O Brasil ainda não liga para os idosos porque não liga também para outras coisas, não liga para a criança abandonada, para o desempregado, para a mulher que assume uma família sozinha.

Apesar de tudo, temos que ter esperança. Mas a esperança, como diz Paulo Freire, é do verbo esperar e não do verbo esperar. Tem gente que tem esperança do verbo esperar, que é assim: “Espero que as coisas mudem, espero que isso acabe, que aquilo aconteça”. A esperança que a gente tem que ter, é a esperança do verbo esperar. Esperar é ir atrás, é escavar, é procurar. Tem gente que perde essa esperança.

Queria concluir com uma história, que sempre conto quando abordo esse tema. Aliás, tem muito a ver com uma frase de Albert Schweitzer: “A tragédia é o que morre dentro de um homem enquanto ele ainda está vivo”. Isso é forte. Mas, a história é a seguinte: às vezes, estou perdendo a esperança; às vezes fico cansado, desanimado e, aí, sempre me lembro de uma pessoa que conheci em 1991: Néelson Mandela. Em 1991, Néelson Mandela veio ao Brasil. Tive a honra de cumprimentá-lo e trocar algumas palavras com ele. É uma pessoa admirável. Um homem que soube dizer não à diferença racial, não à humilhação, não à desigualdade. Quando o conheci, me aproximei dele, apertei-lhe a mão e lhe disse: “Como vai o senhor?” “Bem”, respondeu. Só. Eu entendi o que ele quis dizer com aquele “bem”. Depois a gente até conversou. Mas, quando apertei a mão dele, minhas mãos e pernas tremeram. Por quê? Porque eu não estava apertando a mão de um homem, mas a mão da esperança.

Aquele homem ficou 27 anos preso, em nome de uma idéia de tamanho: a de que as pessoas não são diferentes por causa da cor da pele. Ele entrou na prisão com 40 anos e ficou 27 anos isolado (18 anos em uma solitária!). Depois de algum tempo, talvez, os amigos tenham chegado e falado assim: “Néelson, desista disso. Nós não vamos vencer, eles são mais fortes. Um dia vai acabar o apartheid”. Ele não desistiu. “Nelson, faz cinco anos que você está aqui. Desista disso, assina o documento. Outros virão, vão lutar para melhorar isso”. Ele não desistiu. “Nelson, faz 15 anos que você está preso. Larga essa idéia. Eles são os donos das leis, são os donos do dinheiro, nós não vamos vencer”. Ele não desistiu. “Nelson, faz 25 anos que você está preso, é um quarto de século. Você tinha 40 anos, seus filhos já cresceram, você está com 65. Larga disso, outros vão ajudar. Eles são os donos das armas, são os donos da política. Um dia acaba o apartheid”. Ele não desistiu, ficou 27 anos preso. Hoje, ele é o presidente da África do Sul; começou um processo de libertação de um dos nojos da existência, que é algum humano achar que, com tudo o que tem, algum humano possa ser dono do outro; que não perceba uma coisa fundamental: nós não somos nada e não tem nada como nós no universo.

Não tem ninguém como eu, nem houve, nem haverá. Eu sou irrepitível no universo. É por isso que eu jamais acredito naquela frase que diz que ninguém é

insubstituível. Não, acho que realmente ninguém é substituível, o que podem ser substituídas são as funções. Aquilo que faço pode ser feito por outro, mas eu sou insubstituível.

Quando Itzak Rabin foi assassinado, no final de 1995, os maiores políticos do mundo foram homenageá-lo. Os grandes presidentes puseram a mão no caixão e disseram tudo o que tinham que dizer em relação ao líder, ao general, ao militar, ao primeiro-ministro. Por último, subiu a neta do Itzak Rabin, pediu desculpas e disse a seguinte frase: "Eu peço desculpas a todos. Aqui falaram os grandes líderes do mundo sobre o general, sobre o líder político, sobre o guerrilheiro, sobre aquele que lutou pela liberdade do seu povo, sobre o grande primeiro-ministro. Eu queria pedir desculpas a todos, mas queria falar sobre o meu avô".

É esse o jogo; essa é a idéia. Nós somos isso; mas, não tem nada como nós. Vale a pena viver se a gente construir um sentido para a vida. Esse sentido tem que ser construído para o idoso, para todos.

O que nos ensinou Mandela? Não desistir. Ele não tinha e não tem a esperança da espera, mas de ir atrás, de fazer, de dizer não. Como diz Leonardo Boff, "é a utopia que impede o absurdo de tomar conta da história". Tem um absurdo que é o do idoso encostado, o da criança encostada, o do pobre relegado às piores estruturas de qualidade de vida. Temos que dizer não a isso. Por

isso é que discutimos sobre os idosos e temos que falar sempre, não até que as pessoas se cansem, mas, até que elas se convençam. Temos que falar em relação à busca da dignidade. É isso o que fez Mandela. Qual é a nossa tarefa na vida? É "mandelar", sair "mandelando", "mandela" aqui, "mandela" ali, "mandela" lá, ir "mandelando" pela vida. Assim como "mandelaram" Jesus, Sócrates, Martin Luther King, como "mandelou" Madre Teresa de Calcutá. Ela está morta. Morreu? Não, ela está viva no ideal dos outros, ela está viva nas pessoas. Quem ama não desiste. Sabe quem vai no domingo visitar os presos, os piores assassinos na penitenciária? A mãe. Todo mundo já desistiu. A mãe vai. Está lá aquela fila de mães. O sujeito é assassino, matou sete, fez o que fez, a mãe está lá com a sacolinha. Quem ama não desiste. Desistência é falta de amor. Quem ama de verdade o humano não pode desistir dos idosos, das crianças, como Mandela não desistiu do humano.

Cada vez que eu vejo um idoso colocado de lado, junto com uma criança, junto com uma mulher, junto com um não-branco, penso assim: meu Deus, o que eu não fiz? Não é o que eu fiz. Eu sei o que fiz. O que eu não fiz para isso acontecer?

É a esperança não do esperar, mas, do esperarçar. É ir atrás, buscar, procurar, fazer o que fez Mandela e o que fazem outros homens e mulheres

na História: repartir-se, multiplicar-se...

# A Velhice e o Futuro - Os Novos Velhos do Terceiro Milênio

ED NIO VALLE  
PROFESSOR DA PUC/SP

A solução do problema do idoso  
passa pela renovação de toda a estrutura social brasileira.  
É por isso que a velhice é, sem dúvida, e antes de tudo,  
um problema político.

Neste breve texto tentarei mostrar algumas linhas que, já no presente, condicionam certas tendências que seguramente irão se verificando ao longo dos próximos 20 ou 30 anos, no que se refere à situação social dos idosos.

Certa ocasião, fiz uma experiência muito interessante num grande encontro de Universidades nos Estados Unidos. Eram duas mil universidades reunidas. O tema tratado naquele grande simpósio internacional tinha um nome que chamou a atenção: "A Universidade no Ano 2012". Perguntei a um dos organizadores: "Por que vocês se fixaram no ano 2012?". Estávamos em 1982 e ele respondeu: "Nós que estamos aqui, sobretudo norte-americanos, temos uma experiência de realidade universitária que já vai para 30 anos. Alguns entraram no período imediatamente posterior à Guerra Mundial ou imediatamente anterior à mesma, outros dos que estão aqui vão ter mais 30 anos de vida útil na Universidade; portanto, um arco de 60 anos. Com o título quisemos nos colocar no meio, olhar um pouco para trás, não para um passado muito remoto da Universidade, e olhar, também, para a frente, para o futuro ainda em nossas mãos".

Penso que nosso tema poderia ser colocado dentro da mesma ótica. Estamos quase em 1997; quem sabe, poderíamos estar discutindo como será "a velhice" (este não é o nome mais bonito) pelo ano 2027, daqui a 30 anos, quando

muitos de nós estarão idosos e os mais jovens, provavelmente, estarão no auge de uma possível atuação no campo político-pedagógico-social da chamada Terceira Idade. Eu me proponho, portanto, a refletir, olhando para uma realidade que, acredito, irá explicitar-se nos próximos 30 anos.

A pergunta que imediatamente me aflora à mente, e penso que estará também na cabeça da maioria de vocês, é muito pertinente à questão: é possível extrapolar, prever realidades sociais do porte do fenômeno da Terceira Idade para um prazo de 30 anos? Muita gente, pensante, experiente (e eu me incluo nesse grupo), tem suas dúvidas a respeito da possibilidade de tal extrapolação. Sabemos que nos anos 50, especialmente nos 60, deu-se uma febre de futurologia, não apenas no nível da ficção científica, como também em institutos científicos. Lembro-me muito bem que Hermann Kahn, do Hudson Institute, falava com muita convicção e certeza a respeito de coisas que iriam acontecer nos anos 80 e 90. Acertou alguma coisa, mas errou muitas, também. Hoje, a ciência, em qualquer um de seus ramos, é muito menos pretensiosa. Ela aprendeu que a história não é feita de extrapolações na linha da certeza, mas, sim, na linha de previsões que buscam, com humildade, uma experimentação prática.

Em todos os campos, mas muito especialmente na sociologia, na política,

na antropologia e na psicologia levamos verdadeiras trombadas. Coisas que eram ditas e afirmadas em todas as Universidades do mundo, por intelectuais bem formados, hoje se revelaram como inconsistentes. Basta ver, por exemplo, o que aconteceu no campo da sociologia política, com a análise dos grandes sistemas. Ou mesmo a questão do planejamento econômico, dos modelos de modernização da economia. O impacto violento do processo de transformação histórica mostrou a inconsistência dessas teorias, sobretudo daquelas que falavam de um futuro “necessário”. Quer dizer que na análise do social e do histórico trabalhamos com alguns imponderáveis. Penso que, feita esta ressalva, é importante e necessário a gente olhar para a frente e “pre-ver”, mesmo correndo o risco de errar.

## I. VARIÁVEIS, CONTEXTOS, CENÁRIOS

Penso que quando a gente olha a questão da Terceira Idade na perspectiva de um futuro já próximo, que já está sendo tecido, vêm à mente três palavrinhas: “variáveis”, “contextos” e “cenários futuros”. O Betinho, que se tornou uma figura expressiva e realmente símbolo de quem pensava um futuro mais humano para este país, usava muito a expressão “cenários”, no plural, talvez por saber que não existe um cenário único no futuro possível; deve-se trabalhar com vários cenários possíveis.

## 1. VARIÁVEIS

Inicialmente temos que examinar as variáveis, como faz qualquer cientista que tenta observar com um pouco mais de rigor uma realidade. Ele percebe a intervenção de variáveis distintas sobre um dado. Seu primeiro cuidado é o de ponderar quais são, como interatuam e como, de alguma maneira, essas variáveis orientam o fenômeno em si. Quais são, no caso da Terceira Idade, as variáveis que já atuam hoje e que muito provavelmente estarão presentes no ano 2027, daqui a 30 anos? Vou mencionar seis variáveis e trabalhar de uma maneira bem didática para ter o quadro claramente definido num assunto em que poderemos cair facilmente na retórica, até generosa, mas que compromete um pouco a consistência da reflexão e da matriz, do pensamento, e portanto, da análise feita.

### 1.1. VARIÁVEL DEMOGRÁFICA

Estou convencido de que a variável fundamental é a variável demográfica. Se o ponto de partida não for a demografia, corre-se o risco de trabalhar a questão da Terceira Idade na linha da emoção generosa, o que, repito, não é suficiente. Estamos diante de uma situação demográfica realmente nova, revolucionariamente nova, especialmente para a sociedade brasileira.

Quando se olha a estrutura etária



da nossa população, com os distintos estratos ou camadas de idade, nota-se que a pirâmide com a qual se descreve essa estruturação demográfica teve uma alteração fantástica nos últimos 30 anos. A sociedade brasileira, em 1970, tinha, segundo dados do IBGE, uma estrutura com um perfil triangular ou piramidal. Isso significa que sua base era muito extensa até os sete anos; dá-se uma progressiva diminuição, quando se entra na fase que corresponde ao período da escola fundamental; continua o estreitamento na fase juvenil que, na sociedade brasileira urbana, tende sociologicamente a se prolongar, uma vez que a entrada no mercado de trabalho é postergada e exige melhor preparo. Aos poucos, a ponta que indica a população adulta ativa vai se estreitando, terminando realmente num pontinho mínimo, ao atingir a faixa com mais de 60 anos.

Consultando algumas pirâmides populacionais do ano de 1991 publicadas pela revista "Help Age" constatamos um fenômeno muito interessante: a base começa a abaular, a entrar para dentro e a tomar uma configuração diferente, revelando que o número de nascimentos diminuiu drasticamente no nosso país. Em 1970, baixamos de uma média de filhos de 6,7 para uma de 2,6. Isso é fantástico; irá pesar muito na questão do idoso, no ano 2027, porque significa que o contingente ativo que terá cerca de 40, 50 anos de idade, daqui a 30 anos, será

muito diminuto em relação à população ainda ativa, que estará entre os 30 e 50 anos de idade. Quando projetamos essas tendências para o ano 2027, ficamos até assustados, porque já não temos mais uma pirâmide e sim uma taça de champanhe. Quer dizer, o perfil, a estrutura interna da população brasileira mudará de fato radicalmente.

O que vai acontecer até o ano 2027? Recentemente, no Cairo, deu-se um Encontro da ONU sobre habitação. Constatou-se que a pressão dos países do Primeiro Mundo em relação aos do Terceiro Mundo vai na linha de um controle cada vez mais drástico da natalidade. Tal controle é visto como uma medida política capaz de possibilitar aos países do Terceiro Mundo o acesso progressivo à sociedade de bem-estar. Contudo, a maneira como essa política se coloca, é desumana. Mostra o radical egoísmo do poder em relação aos que não têm e precisariam de um outro tipo de política para chegar também a uma melhor consistência interna da população e do grupo familiar. Há, evidentemente, que considerar os fatores que condicionam e marcam sociedades que deixam de ser rurais e passam a ser sociedades urbanas organizadas numa perspectiva mais urbano-industrial. Mas, deve existir uma ética, segundo o Direito Internacional, no difícil manejo de uma questão eminentemente humana como essa.

Esses dados demográficos são real-

mente muito importantes. Consideremos o grupo dos que estão acima dos 60 anos. Segundo dados do IBGE, em 1970, eles constituíam 5,6% da população; em 1990, 20 anos depois, eles passaram a ser 7,6%. Esse dado é importante para prever o que acontecerá daqui a 20 anos. Em 1970 os jovens eram cerca de 53%; em 1990 eram 44%. Baixaram 9%. Isso é dramático, porque é esse grupo etário que ia até 24 anos, em 1970, que será a principal força ativa de trabalho dentro de poucos anos.

Há outro dado que realmente precisa ser levado em consideração, pois condiciona muito a real situação e qualidade de vida do idoso na moderna sociedade brasileira: a rapidíssima passagem de um contexto rural, com seus sistemas de parentesco e estruturas de proteção, seja da criança ou do idoso, para um contexto urbano de país subdesenvolvido, de megalópoles circundadas por cinturões de miséria, favelas e bairros populares sem infra-estrutura, dentro de um condicionamento social extremamente violento, além de excludente.

Essa violência é uma questão estrutural que supera a violência do assaltante que nos ameaça em plena Avenida Paulista. É um problema muito mais complexo que tem a ver com a mudança estrutural da economia, da convivência social, da cultura e especialmente do modelo de trabalho. Os mecanismos que presidem todo esse complexo conjunto tornam-se cada

vez mais descaradamente capitalistas. O neo-liberalismo tornou o quadro geral ainda mais drástico e, aparentemente, quase sem alternativas.

A mudança do rural ao urbano, no caso brasileiro, realmente espanta. Em 1940, portanto há cerca de 60 anos atrás, o Brasil tinha quase 69% de sua população na roça. Obviamente que nessa mesma época existia já um Brasil urbano, mas não o das caóticas grandes metrópoles de hoje. Um Brasil urbano como o de Belo Horizonte, por exemplo, com ruas arborizadas, onde todos se conheciam, e onde se jogava bola na rua. Todavia, em duas gerações, se urbanizou em 75%. O Brasil rural é hoje de 24.55%. Quer dizer, 2/3 da nossa população, mais até, é urbana. Isto condiciona muito a questão da condição do idoso no futuro da sociedade brasileira.

## 1.2. VARIÁVEL BIOGENÉTICA

Além da variável demográfica, precisamos considerar o que chamamos de variável biogenética. Acho que no caso do Brasil essa talvez represente a maior incógnita. A parte privilegiada da população, a que vai poder freqüentar e se beneficiar dos bons serviços da moderna gerontologia, tem uma perspectiva muito interessante pela frente. São aqueles que hoje estão com 40 anos de idade, e mais ainda, os que hoje são crianças ou adolescentes. Fenômenos muito interessantes estão para acontecer com esse grupo nos próximos 40, 50 anos.

O "Jornal da Tarde" do dia 1o. de dezembro de 1996 publicou uma interessante matéria sob o título: "A Ciência da Eterna Juventude". O artigo ilustra bem o que quero dizer com o milagre da biogenética. O laboratório de genética da Universidade de McGill, em Montreal, no Canadá, conseguiu que pequenos seres vivos, os nematóides, que têm um milímetro de tamanho, tivessem sua vida prolongada de nove dias, média de vida desse microorganismo, para 50 dias. No caso do ser humano, isso significaria um aumento de 5,5 vezes. Quer dizer, se a ciência conseguir um prodígio análogo com organismos complexos como os nossos, o ser humano poderia chegar aos 420 anos de idade! Estamos falando aqui de "ciência fantástica", mas a pesquisa do Dr. Sigfried Hekime é um dado de fato e todos sabemos que o milagre genético, já está sendo processado aqui em São Paulo também.

Boas revistas norte-americanas como, por exemplo, a "American Scientist" dizem, com base em pesquisas, que os bebês norte-americanos de classe média, que no ano 2032 estarão com cerca de 40 anos e terão boa assistência médica, boa nutrição e prevenção viverão, em média, 130 anos. Imaginem o problema que isso coloca, sob todos os pontos de vista, especialmente do ponto de vista sócio-pedagógico. De fato, aos 50 ou 60 anos de idade - e aqui entra a outra variável que são as tecnologias de produção avan-

çadas -, com as perspectivas que se têm dos avanços no campo da tecnologia de produção informatizada, se pode prever que não haverá necessidade do trabalho de profissionais com mais de 50 anos de idade. O que farão essas pessoas durante os seus restantes 70 anos de vida? Essa perspectiva exige uma revolução de toda a escola, da comunicação de massas, do lazer, das religiões, da previdência social, do sistema de saúde, das psicoterapias, do serviço social etc.

### 1.3.VARIÁVEL "TECNOLOGIA"

Vamos analisar, brevemente, a terceira variável que são as tecnologias. Pensemos, desde já, no avanço que hoje já se delinea com a Internet, e as possibilidades de trabalho terceirizado que se pode fazer dentro de casa.

Representando a PUC de São Paulo, visitei, em 1982, a Universidade Carnegie Mellon onde, já naquela época, havia 3200 computadores. Hoje, essa Universidade é completamente computadorizada. São 13 mil terminais onde todo mundo está conectado, inclusive todo o acervo de conhecimentos, terminais e métodos de transmissão já amplamente trabalhados, aos quais o aluno tem acesso direto, além de poder freqüentar os grupos e sessões de orientação com o professor, em função de um trabalho criativo, buscando informações e organizando-as em função de projetos coletivos de aprendizagem. A UNICAMP e a USP, os centros mais avan-



çados no Brasil, tecnicamente, do ponto de vista de aprendizagem, são iniciantes quando comparados ao que se faz em Carnegie Mellon e suas “work stations”.

São muitos os problemas que essa perspectiva levanta. Por exemplo, o exercício da função do professor, já na pré-escola, vai mudar rapidamente, devido ao impacto dessas tecnologias. No que diz respeito à pessoa idosa, o problema se refere, sobretudo, à questão da especialização. Um engenheiro de 40, 50 anos de idade, no atual mercado brasileiro, já é facilmente tratado como alguém meio desatualizado; é considerado menos qualificado que um recém egresso da Politécnica ou do ITA, a não ser que tenha passado por processos permanentes de reciclagem de conhecimentos. O mesmo vale, com as devidas ressalvas, para um operário moderno ou um técnico de nível médio.

Realmente, o aperfeiçoamento das máquinas é extraordinário. Quem aprendeu a lidar com elas, em 1992, já se embaralha com as que estão saindo neste momento. E coisas que então apareceram como a última palavra, estão sendo encostadas em várias Universidades, Centros de Pesquisa e Fábricas que já trabalham com sistemas mais avançados.

Esse é o impacto da terceira variável, a tecnologia. No mundo do trabalho, irá pegar em cheio as pessoas que estão começando agora. Para aqueles que já

têm 15, 20 anos de profissão vai ser mais difícil administrar essa situação, já que se sentem com dificuldades de acesso às novas técnicas e teorizações.

Toda essa revolução tecnológica, é claro, vai atingir profundamente o mundo da produção, seja no campo da agricultura, rapidamente, transformada em agro e tecnoindústria altamente sofisticada, com conhecimentos de química e biologia avançados, além das inovações na mecânica, no comércio etc. Na área industrial, até a palavra indústria começa a mudar de sentido. Em livros modernos vemos sempre a expressão “civilização pós-industrial”. Ou seja, a segunda revolução industrial passou, agora vamos partir para um mundo informatizado. Será a informatização a última palavra? Provavelmente, não. Quem estiver no ano 2030 e ler o que eu estou escrevendo, talvez diga: “Vejam só, em 1997 eles ainda falavam em Windows 95!”

Essa variável é, portanto, importante. Igualmente, importante é ponderar bem seu impacto sobre a Terceira Idade. Outro dado de impacto sobre a Terceira Idade é que aos 40, 50 anos, as pessoas já ficam “meio fora da jogada”. É só ver como as empresas estão atuando no processo de seleção, de promoção de quadros, de investimento na qualificação.

A não ser que se pertença a certa elite, as pessoas de 40-50 anos vão ficando para trás. Essa é uma tendência importante. Ela é condicionada pela especiali-

zação e pela sofisticação tecnológica da produção e do mercado.

#### 1.4. VARIÁVEL “MACROECONÔMICA”

A outra variável é macroeconômica. Ela é a mais ponderável. As possibilidades, os cenários possíveis para a Terceira Idade vão depender estritamente da evolução econômica global do país. É isso que vai condicionar uma série de coisas como a distribuição da riqueza, o acesso aos bens já disponíveis, a possibilidade ou a não possibilidade de educação. Nessa perspectiva, o quadro brasileiro é doloroso. Ninguém sabe das estatísticas, mas me lembro do general Geisel falando em 6,5 milhões de crianças em idade escolar, fora da escola. Tenho em casa um livro de dados do MEC, calcado no recenseamento de 90 que se referia a 4,5 milhões de crianças brasileiras fora do sistema escolar. No ano de 2027 serão “velhos”. Que qualificação terão? Que sistema social, de lazer e de educação estará lhes dando algum apoio?

Andando pelas ruas de São Paulo e olhando os menores abandonados, vendo os flanelinhas, os trombadinhas, a gente tem uma amostragem. Se hoje eles, que ainda têm alguma possibilidade, já são excluídos, como será sua velhice? Qualquer demógrafo sabe que a maioria não vai chegar à idade da senectude, vão morrer aos 40-50 anos; alguns até antes morrerão em tiroteios ou destruídos pelo vício.

O quadro global é sério! Essas variáveis vão continuar atuando no Brasil no futuro próximo. Precisamos cobrar de qualquer governo uma ação social adequada. Aqui não se trata de ser de centro, de esquerda ou direita, conservador ou progressista. É uma questão de decência, de dignidade, de cidadania. Evidentemente é também, e sobretudo, uma questão política, e como tal, deve ser primariamente tratada por nós.

Essa variável econômica não pode ficar à mercê de pressões do mercado internacional. Existem, sim, os condicionamentos que vêm do chamado neoliberalismo e do mercado privatizado. Existe também, a necessidade de certo encolhimento do Estado como agente econômico, mas há um aspecto econômico e político, de política econômica que é fundamental quando se fala da Terceira Idade no Brasil, daqui a 30 anos. A discussão e o encaminhamento deste aspecto não pode ser deixado às pressões e interesses dos que controlam a economia mundial e/ou nacional. Esse é um assunto de todos nós.

#### 1.5. VARIÁVEL FAMÍLIA E GRUPOS PRIMÁRIOS

Ainda nesse contexto, outra variável fundamental, por sua dimensão essencialmente humana, é aquela que diz respeito à família e aos grupos primários. Para o equilíbrio psico-emocional, psicossocial e global das pessoas, também na Terceira

Idade a família é um fator decisivo. Agora não é momento de se traçar o perfil atual e as possibilidades futuras da instituição familiar. Basta dizer que também esse quadro se apresenta com tensões e problemas bastante sérios. Nas classes médias, como nas classes “subalternas”. O número de mães solteiras jovens aumenta constantemente em nosso país que ainda não ponderou essas questões tão pertinentes à problemática da velhice no ano 2027.

## II. CONTEXTOS

“Contexto” é algo mais amplo que “variável”; reúne variáveis diversas, define um pouco a condição de ser velho nessa sociedade que está se formando e se dirigindo ao futuro próximo. Talvez esteja chovendo no molhado, mas tenho a preocupação didática de ser claro, de articular um pouco a reflexão. Por essa razão, passarei a colocar as variáveis citadas dentro de contextos e cenários mais amplos.

### 1. CONDIÇÃO SOCIAL DA TERCEIRA IDADE

Penso que o primeiro ponto que a gente tem que entender é o seguinte: a velhice, a Terceira Idade passou a ser uma condição social. Evidentemente, os idosos não são uma classe, nem tão só um mero segmento de população, mas “uma condição”. É um pouco como a juventude, que é também uma condição social. A

sociedade não oferecia essa condição no passado. Não sei se a oferecerá daqui a 200 anos. Pode ser que enfrentemos outras mudanças que, a exemplo do que se deu com a juventude, alterarão a condição da Terceira Idade. Com a urbanização e ondas de mudança dos séculos XIX e XX surgiu essa disponibilidade juvenil; milhões e milhões de jovens constituíram um grande mercado internacional, com características e comportamentos próprios. No Brasil, a sociologia já pode explorar os primeiros grupos que viveram sociologicamente a fase juvenil. São grupos dos anos 50 e 60. Aí se deram muitas rupturas em relação à geração anterior. Foram fruto de um processo de mudança que colhia o todo da sociedade, da economia e da cultura brasileiras.

Com o idoso deu-se a mesma coisa; só que de modo menos clamoroso. Como categoria social a Terceira Idade não existia no tempo dos nossos avós. “Velhos” sempre existiram. Um pequeno grupo da população brasileira sempre ultrapassou os 60, 70, 80 e mais anos. É claro que eles também estavam sujeitos a fatores como o somático, o envelhecimento celular, muscular, de movimentos, de capacidade, de memória. Enfim, ha mil coisas que a idade humana traz consigo. Mas tornar-se uma categoria social: este é o fenômeno novo. E é a esse fenômeno novo que nós, no Brasil, ainda não demos uma resposta adequada. A importância do trabalho dos profissionais da Terceira



Idade é exatamente tornar presente no todo a problemática deste Brasil, no projeto Brasil, os direitos e possibilidades de atuação dessa categoria social. E isso não pode ser definido só pela economia: a pessoa chega aos 60-65 anos, tem 30-35 anos de casa, é dispensada, se aposenta e vai ver televisão!

A questão é mais complicada. Até agora ela foi direcionada pelo processo econômico; mas há outros aspectos a serem considerados. Como categoria social, a velhice é definida e delimitada por dados de natureza sociológica, por condicionamentos sociológicos e econômicos, mas também por determinantes de cunho cultural e político. O idoso de hoje, de certa maneira está voltando a interessar às empresas, bancos, escolas, aos partidos políticos e às universidades. Nos países desenvolvidos, são freqüentes as “Universidades da Terceira Idade”. Quer dizer, a Universidade tomou consciência de que existe uma categoria social que antes era ignorada ou vista de uma forma não adequada. É um grupo com um potencial, com um desejo de conhecimento que deve ser considerado como uma clientela ativa com necessidades próprias. Esse quadro exige atenção e programações adequadas, inclusive no nível da reciclagem das várias áreas do conhecimento e, até do campo de trabalho.

Na fábrica baseada na máquina a vapor, no automóvel de estilo antigo, a

pessoa de meia idade não tinha mesmo vez. Mas, nas modernas montadoras que chegam com suas fábricas ao Brasil, talvez haja espaço para um trabalho terceirizado para pessoas com 50 e 60 anos. Bastaria, em princípio, que elas dominassem as novas tecnologias e que fossem recicladas por escolas e por outras organizações capazes de corresponder à demanda dessa categoria social e da produção computadorizada e até à distância.

Analisando melhor essa noção de categoria social, é importante sublinhar alguns pontos. O primeiro é o seguinte: a sociedade atribui a quem está situado dentro dessa categoria certas qualidades, certos direitos, certos privilégios e retira ou limita outras possibilidades, outros direitos, outros privilégios. Isso é um jogo político. A Terceira Idade é uma questão política. Se não entendermos isso, é bobagem ficarmos trabalhando no campo social e pedagógico. Aqui é que entra o preconceito, por exemplo, do empresário, que discrimina o funcionário de 50 anos. Nessa visão preconceituosa, o velho aparece sempre como o ineficiente, o inútil, o que não é solicitado. Precisamos entender que se trata de atribuições sociais, de construções ideais que partem da sociedade com seus interesses e pressões, com sua cultura e valores distorcidos.

Em outras épocas e sociedades ao idoso era atribuído um papel importante, fundamental em todos os campos. Em sociedades de mudanças rápidas e super-

ficiais, ditadas mais pela produção do que pela reflexão crítica sobre a produção, as atribuições dadas à velhice pela sociedade se tornam injustas e inadequadas. Aqui entra o trabalho político-pedagógico de conscientização e formação da opinião pública.

Outro aspecto relevante é que, como categoria social, a condição do idoso não é percebida como prestígio social. Ao contrário, ela é vista na perspectiva do desprestígio social. Esse problema condiciona muito a vivência do grupo idoso, a autopercepção, o processo mais psico-afetivo do velho, do idoso. Precisamos ter esse aspecto muito presente também no trabalho com essa categoria.

Qual é a expectativa social relativa ao idoso? Nenhuma e pouco se espera dele. Isso tem a ver com o desprestígio e o preconceito. Há, porém, brechas para repensarmos a condição dessa categoria social, contanto que a sociedade seja mais justa, mais objetiva, mais eqüitativa e - coisa interessante - mais inteligente, porque o potencial que existe nesse grupo é muito grande. O limite da produtividade do idoso está em sua maior ou menor degeneração biológica. É evidente que um derrame cerebral seguido de problemas neurológicos, de distúrbios na memória e no fluxo de pensamento irão impedir a eficiência de uma pessoa de 50 ou 60 anos. Mas apenas um percentual relativamente pequeno se encontra em tal situação.

Nas sociedades modernas e organizadas sabemos que há convenções e leis sociais que normatizam a pertença dessa categoria. Há variações individuais, mas, de modo geral, somos empurrados todos na mesma direção. O dia em que eu vou ao Ministério do Trabalho e homologo minha aposentadoria, estou na condição de "velho". A repercussão anímica deste passo é profunda e interessante, mas não será analisada agora. O que se quer mostrar é que de repente, uma pessoa não tem mais direito ao trabalho, é rotulada dentro de determinado grupo e, nessa condição, começa a se sentir como problema, a se problematizar. É quando entram muitas outras reações de tipo psico-emocional.

Em psicologia da Terceira Idade é freqüente o surgimento da "neurose de aposentadoria", que seria uma espécie de choque da inação. Ou seja, o indivíduo habituado ao trabalho permanente, de repente, cai no ócio. Não sabe ocupar a própria pessoa. Não teve preparação para esse momento, pois sua vida inteira foi direcionada no sentido do trabalho: levantar-se às 7 horas, arrumar-se, pegar o carro ou o ônibus para, às 8 horas estar no trabalho e voltar às 18 horas para casa. De repente esta rotina cai. Vem uma tremenda depressão. Olhando por aí, há possibilidade de estabelecermos programas de preparo para a aposentadoria. É interessante que alguns grupos no Brasil sempre conseguiram isso. Militares, funcionários do Banco do Brasil,

etc, conhecem estruturas de apoio que funcionam como colchão nessa passagem. O funcionário aposentado pode manter contatos e convivência com seu meio, embora não mais no ambiente de trabalho. Essas instituições estabeleceram políticas um pouco mais humanas para facilitar a passagem à aposentadoria. Em geral, os colchões de ar se encontram no campo do lazer, mas há outros localizados na área da cultura, do trabalho social, enfim, em várias perspectivas que ficam abertas e que a sociedade e as organizações poderiam trabalhar um pouco melhor.

Vejam que essa condição social do idoso acaba criando uma situação paradoxal. De si, é uma situação positiva: tem-se controle e experiência de vida, pode-se usufruí-la, construí-la, reconstruí-la. Mas, por outro lado, é um problema: não há dinheiro para custear esse bem-estar, as boas oportunidades de curtir a vida são raras; há o problema maior do progressivo crescimento da população etária inativa e uma diminuição da população ativa. Quem sabe, a tecnologia resolva o problema de como menos gente poderá sustentar mais pessoas idosas! Essa relação de ativos e inativos é insatisfatória, mas o problema maior é a falta de consciência política que não estabelece programas adequados para essa categoria, que vai aumentar a cada ano, até o ano 2027. Na medida em que toda a população brasileira tiver mais acesso aos programas de

saúde, aos programas de alimentação e de lazer adequados, na medida em que tiver mais possibilidade de exercer a cidadania; o tempo de vida útil e digna irá se prolongar. Essas são possibilidades que nos tornam capazes de viver psíquica, biológica e espiritualmente bem. A inação enquanto tal, a não ser numa fase terminal da vida, não é útil ao equilíbrio biológico, ela traz consigo uma série de repercussões psicossomáticas, se o ser humano não souber fazer do tempo de sua vida um tempo de permanente ação e reflexão.

É importante a gente perceber que existem possibilidades reais de auto-cultivo, de "soin de soi" (M. Foucault). Como condição social, a velhice não é um destino já fixado. Pode-se pensar e repensar a maneira de articular melhor esse quadro do existir humano. Para tanto é necessário, antes e concomitantemente, cultivar-se e humanizar a sociedade.

## 2. A SOCIEDADE URBANO-INDUSTRIAL NEOLIBERAL E A SOLIDÃO DOS IDOSOS

Nessa parte final da exposição vamos ver que nosso assunto é realmente complexo.

Em seu livro "A Multidão Solitária", David Riesman descreve a vida urbana norte-americana. Fala também sobre a velhice. A criança, o jovem, como também quem está no mercado de trabalho, enganam a solidão urbana. Quem, porém

está só e abandonado, sem perspectivas e espaços, esse não tem como romper o círculo doloroso da solidão e da depressão.

Tornar-se idoso, viver como velho nessa sociedade é algo difícil. Como pode um idoso manter sua auto-estima? Como pode sentir um senso de gratificação e reconhecimento nessa fase? Como pode escapar da solidão urbana, dando um sentido válido ao que faz?

Como garantir o nível e segurança de vida anterior se a tendência é de uma diminuição salarial contínua? Aí estão as discussões em torno da Previdência Social. Aí está a política aplicada pelos grupos econômicos, pelos bancos, pelas empresas, pelas agências de seguro, de saúde, etc. Como garantir as expectativas e o nível anterior de vida? Como manter o que os psicólogos chamam de “aparelhos de conversa”, ou seja, espaços humanos onde cada um pode ser ele mesmo, pode conversar, pode se expressar? No tipo de sociedade na qual vivemos os “aparelhos de conversa”, de um modo geral, se prendem ao trabalho e à família. O vicinado está acabando. As associações civis são pouco frequentadas. Os clubes de campo são mais para os fins de semana. Para os idosos pobres são inacessíveis. Restam a cadeira da sala de visitas e a TV.

Essa questão de criar espaços e relações humanas após a perda do trabalho é vital para a saúde mental do idoso. O boteco da esquina exerce uma função terapêutica muito importante.

Ultimamente, passei sete anos no Rio de Janeiro. Parece-me que lá se cultiva tudo isso muito melhor do que em São Paulo. É muito difícil você ver numa pracinha em São Paulo pessoas idosas jogando dominó, criticando o Romário ou discutindo o Brizola ou a escola de samba do bairro. No Rio ainda existem esses “aparelhos de conversa”. Quem não os tem acaba neurótico; termina brigando com a mulher e os filhos, sente-se inútil e só.

### 3. TERCEIRA IDADE E FAMÍLIA

Essa questão de como preencher o tempo, de como usar o potencial que se tem, de como ser útil socialmente é muito importante. Acho que essas questões vão sendo levantadas cada vez menos fortemente em uma realidade onde já não existem quase grupos primários de idosos atentos ao social. No caso brasileiro, durante séculos, a família foi uma unidade sócio-econômica autônoma. Ela produzia o que consumia, distribuía a riqueza, escalonava o “status” das pessoas e dava assistência social adequada. No interior do Nordeste, ainda hoje, quase não existe o fenômeno da criança abandonada, porque se tem o sistema social da grande família que assume as crianças que vão sendo abandonadas. Essa unidade de parentesco bem definida, bem estável, com fundamentação econômica na qual várias gerações conviviam e distribuía tarefas, já não existe nas grandes cidades do Sul ou do Norte e Nordeste. De fato,

vivemos nas cidades um processo de desagregação da grande família. A nova família é nuclear, com precariedade de laços, sobretudo os que unem o homem à mulher e vice-versa. Há novas formas de matrimônio, novas formas de família e convivência, novas relações entre pai e filho. Os idosos, neste contexto inseguro, tendem a sobrar.

Conheço uma senhora que está no quarto casamento e tem filhos dos quatro maridos. Seu domingo é muito complicado, seu fim de semana extremamente neurotizante. Ela foi atropelada pela mudança cultural e social. Apesar de não ter 50 anos ainda, está na Terceira Idade. Mostrou-se perplexa diante do processo de sua vida que ela mesma não sabe interpretar. Ultimamente começou a se inquietar com seu futuro, com sua velhice. Seu primeiro problema não é o financeiro. O que ela teme mais é envelhecer sozinha.

A estrutura familiar é muito importante na e para a Terceira Idade. Não só pelo problema econômico, mas pelo humano, pelas relações, pelo estar junto, pelo poder contar com o outro, inclusive pela falta das tensões normais que se dão na estrutura familiar. A família dos anos 90 é marcada por uma desagregação e dispersão e isso trará reflexos na geração idosa daqui a 30 anos.

Estamos, portanto, diante de um quadro novo de família. A pergunta que surge é: nesse tipo de família haverá lugar

para a pessoa idosa? Vamos ter que aumentar os asilos de idosos? Na Alemanha foi essa a solução que encontraram, com muito investimento financeiro por parte do Estado. Viver num asilo pode oferecer até possibilidades de acolhimento e de expressão da pessoa, mas não é o mesmo que viver numa família onde os laços do passado e do presente estão vivos e são compartilhados afetiva e socialmente.

Ao que tudo indica, a evolução da nossa sociedade terá seqüência nos próximos decênios em uma linha de democratização e de cidadania. O controle do Estado será contrabalançado por grupos sociais. A sociedade civil será mais articulada, o que significa uma evolução qualitativa da nossa sociedade. Do ponto de vista de uma ação pela Terceira Idade essa evolução abre espaço para as organizações de base, organizações de bairro, iniciativas de grupos de pressão sobre a política e o orçamento do Estado. Há um espaço para as pessoas da Terceira Idade, tanto mais se elas acumulam um conhecimento útil para a solução desses e de outros problemas. Os idosos poderão não servir mais para trabalhar na Volkswagen ou em um grande Banco. Podem ter alguma dificuldade na convivência com a geração mais nova. Mas, os idosos podem ser úteis na afirmação de uma sociedade civil vitalmente organizada, dando respostas a problemas que são de todos os cidadãos brasileiros. Poderão ter parte ativa na construção do novo Brasil. Para



isto basta que se despertem, se organizem e se unam a outras forças vivas do país.

### III. CENÁRIOS

Falemos, rapidamente agora, dos cenários possíveis para o futuro da Terceira Idade no Brasil. O cenário mais provável parece ser o que dará continuidade ao que existe hoje. Em 2027, socialmente, nosso país vai continuar mais ou menos como está. No máximo se “dará um jeito”. Se surgir um político como o Collor, ele poderá lançar um programa de construção de dois ou de cinco mil asilos-modelo, mas vai parar nisso. Vai ficar tudo no papel e nas promessas. Só na medida em que este país assumir consciência política dos direitos de todos os cidadãos brasileiros, é que talvez caminhemos para o segundo cenário, que espero possa acontecer.

No 2º cenário, o grupo idoso não será uma prioridade, mas terá peso. Tudo vai depender da força política do próprio grupo idoso e das organizações de apoio, de pessoas com coração humano e inteligência sócio-política e, ao mesmo tempo, com realismo econômico. A evolução econômica assumiu um rumo que, nos próximos 30 dificilmente será muito alterado. O projeto histórico do socialismo realmente se mostrou inadequado. Portanto, é dentro de uma articulação de mercado global de tipo capitalista, com todos os seus interesses e limites, que se deverá pensar uma ação política pela Terceira Idade. Mas acredito que

nesse segundo cenário se caminhará e serão conseguidas algumas vitórias, ao menos parciais. No nível mais próximo à ação dos idosos poderão ser conquistas muito expressivas.

Há um terceiro cenário que não podemos excluir: podemos piorar como país, como sociedade e como organização política. Nosso país sempre foi marcado por uma cisão interna. Nisso somos muito diferentes, por exemplo, da Argentina. Somos marcados pelo fenômeno histórico-social da escravidão. Somos um país lacerado, dividido. Maneira mais crassa de divisão social não existe. A análise de Marx, por exemplo, não capta essa dimensão de nossa formação social. Continuamos um país dividido, um país que exclui metade de sua população. Por isso, temo que as classes políticas, com nossa convivência, poderão continuar a desenvolver políticas só para quem já está dentro do sistema, à custa daqueles que estão fora. É aqui que as pessoas que realmente pensam um Brasil novo e diferente têm que dizer não. E a solução do problema do idoso passa pela renovação de toda a estrutura social brasileira. É por isso que eu dizia que a velhice é, sem dúvida e antes de tudo, um problema político.





# A Contribuição da Psicologia no Campo da Gerontologia Social

ELVIRA MELLO WAGNER

PSICÓLOGA, PSICOTERAPEUTA, GERONTÓLOGA E  
COORDENADORA DO CURSO DE GERONTOLOGIA DO INSTITUTO "SEDES-SAPIENTIAE"

A respeito da contribuição da Psicologia para a Gerontologia Social, procurei fazer um apanhado, tentando dar uma organização no que seria esta contribuição, mostrando que ela pode se colocar em diversos campos: no teórico, no da pesquisa, do diagnóstico, dos atendimentos e da participação em equipe multidisciplinar.

## AS PRINCIPAIS TEORIAS

No panorama das teorias abordaremos as principais, que de certa maneira, já estão consagradas. Na área da psicanálise, um nome de expressão é Erik Erikson, de descendência alemã, que fixou residência nos Estados Unidos, onde desenvolveu todo o seu conhecimento psicanalítico. É o primeiro da psicoanálise, que deu um enfoque teórico às etapas de idades mais avançadas. Embora não seja minha área, pois me atenho aos conceitos da Psicologia Analítica, sei que os especialistas em psicanálise reconhecem que a meia idade e a velhice têm ficado fora de suas pesquisas. Por isso, existe hoje todo um movimento de resgate dessas fases, dentro da psicanálise.

O grande valor de Erikson foi o de ter apontado, há muitos anos, diversas etapas, diversas idades dentro do ciclo de vida. Para ele, o problema maior das 5 primeiras fases do curso de vida está na busca de uma identidade, que acontece como resolução da crise da adolescência. Na medida em que termina a adolescência se poderia ter uma resolução do conflito na busca da própria identidade, passando-se, então, para a fase adulta. A fase adulta era considerada dentro da área da psicanálise como uma etapa menos turbulenta, mais tranqüila. Os problemas que poderiam ter influenciado a pessoa eram os anteriores, os dos anos de formação. A partir da idade adulta, a pessoa teria

que lidar com aquilo que tinha acontecido antes e não ficara resolvido ou que ficara mal resolvido.

No entanto, Erikson fala de três etapas extremamente importantes, que ele chamou de "etapas para além da identidade", ou seja, depois da resolução da crise de identidade. Seria o grande problema a ser resolvido entre a intimidade e o isolamento. Cada ser humano deve ser realmente capaz de ter algum tipo de intimidade com outros seres humanos em diversos níveis, ou caminhar para um isolamento que o estaria fechando para outros contatos.

Numa etapa seguinte, a resolução seria de uma nova crise (que seria já durante a fase da meia idade) onde a generatividade estaria se opondo à estagnação. Um conceito muito interessante que ele coloca é o da pessoa que na meia idade vai adquirindo o senso de que ela pertence à humanidade, a uma espécie e, como tal, tem que dar sua própria contribuição. Para ele é um período no qual pode ocorrer muita doação e que pode estar sendo vivenciado no seu pólo oposto, pela estagnação, quando a pessoa se isola e já não produz mais nada, tornando-se uma pessoa cada vez mais egoísta. Fala também da etapa final da vida, que é a velhice avançada, quando se teria a capacidade de ser um indivíduo completo. Ou seja, seria a fase da integração de todos os aspectos da própria pessoa que foram vivenciados paulatinamente, que tiveram

o seu auge no período anterior da generatividade, quando a pessoa se abre para se doar para as próximas gerações. Essa integração, bem feita, pode representar, verdadeiramente, uma possibilidade de não se perder no desespero que se acontece, quando se chega à idade avançada, diante da avaliação que revela à própria pessoa um passado com muitas falhas, pelas oportunidades perdidas e, por outro lado, a falta de tempo para se recuperar esse passado. Resumidamente esta é a visão de Erik Erikson.

Outro teórico muito importante é Victor Frankl, logoterapeuta. Ele começou também na escola da psicanálise; depois se encaminhou para uma formulação pessoal, a partir da vivência que teve em campo de concentração, onde esteve por ser judeu. O que o intrigou e o levou a pesquisar e colher dados para elaborar sua tese foi o fato de ter observado que naquele grupo de prisioneiros, alguns pereciam dentro de um espaço menor de tempo, enquanto outros se mantinham por mais tempo; sobreviviam, de alguma maneira, por recursos próprios, dentro daquela ausência de tudo mesmo, tomados de um grande desespero. Estabelece, como base de sua terapia, o grande crédito que se deve dar à capacidade do ser humano, à descoberta do significado da própria vida e da própria espécie. E conclui que essas pessoas, que haviam sobrevivido a agruras tão grandes, tinham presentes para si próprias esse

significado do valor da vida humana e de cada vida para a espécie, em geral. Por isso, planejaram o que fariam naquela situação e o que estariam fazendo em outras situações. Esta é a base da terapia denominada logoterapia.

Outro grande teórico que pesquisou muito, e morreu também em idade bastante avançada, foi o médico suíço Carl Gustav Jung que, durante a primeira parte da sua carreira de medicina, se dedicou à psiquiatria e, posteriormente, foi ampliando seu campo de conhecimento. Quando tomamos conhecimento da produção de Jung ficamos assombrados. Era realmente um sábio; um profundo conhecedor da antropologia, da sociologia e das mitologias. Ampliou esses conhecimentos com viagens à Índia, à África e à América, procurando conhecer as diversas culturas e as mitologias que as alimentavam. Verificou que a espécie humana como um todo, apesar de suas vestimentas específicas na história e no espaço tinha um cerne comum, justamente as características do ser humano.

Elabora suas teorias, caminhando primeiro com Freud, de quem se afasta depois, por não concordar com determinadas posições. A teoria que elabora, a Psicologia Analítica, tem grande amplitude e dá uma importância capital àquilo que acontece depois da metade da vida. Faz a seguinte colocação: já que o ser humano vive em média 70-80 anos, por volta dos 35-40 anos, às vezes um

pouquinho antes, às vezes um pouco depois, dependendo das pessoas, há uma grande transformação na mentalidade da pessoa (transformação que ele chama de metanóia). Se a primeira metade da vida - a infância e a juventude - tiveram grande expansão pela dedicação ao conhecimento do mundo e as grandes experiências, a segunda metade vai ser de reflexão, de uma volta para dentro de si mesmo, no sentido de uma elaboração de tudo que foi adquirido, com o objetivo não só de aperfeiçoamento, fazendo com que a pessoa chegue a um desenvolvimento mais integral, mas também, no sentido de uma participação maior na comunidade e na própria humanidade. Esse período da existência humana foi, portanto, objeto de extremo interesse e estudo por parte de Jung, e tem merecido a atenção de seus seguidores e continuadores.

Essas três grandes linhas, que são da Psicodinâmica também chamada de Psicologia Profunda, têm servido de fundamento para os que se dedicam à psicoterapia e para aqueles que empregam essa mesma fundamentação em suas pesquisas, inclusive, no campo da gerontologia.

Ainda em termos de teoria, temos tido recentemente contribuições mais específicas. Uma interessante é a de Daniel Levinson. Esse pesquisador começou trabalhando com adultos jovens, pessoas de meia idade e também com pessoas no começo da velhice e já na velhice.

Verificou que as pessoas, de modo geral, passam por diversas etapas: de assimilação, de adaptação e de assentamento. Estudou inicialmente grupos de homens de diversas ocupações, verificando que, apesar dessa variedade de ocupações, essas etapas estavam presentes em cada um deles, dentro dessas características: períodos de assimilação e adaptação e depois de assentamento. Com sua teoria, Daniel Levinson contribuiu também para que o conhecimento de alguns problemas dessa faixa etária se ampliassem dentro da psicologia. É o caso da depressão, problema frequente na meia idade e no envelhecimento. Não queremos dizer, com isso, que a depressão ocorre obrigatoriamente porque a pessoa envelhece e sofre perdas, mas, acontece pela conjunção das duas, podendo as perdas orgânicas virem acompanhadas ou não de conteúdos culturais e sociais.

Quanto à depressão, uma contribuição interessante é a de Aaron Beck. Para ele a depressão não é um problema afetivo em sua origem, mas um problema de cognição, um problema cuja base é um pensamento pessimista, generalizante e que, de alguma maneira, vai manchando de cinza e de negro a vida das pessoas, a ponto de mergulhá-las em um estado extremamente penoso. A contribuição de Aaron Beck é que ele propõe o tratamento da depressão não só com medicamento, mas também com psicoterapia, através de uma abordagem cognitivista cujo objeti-



vo é tirar a pessoa não só dessa depressão, que provavelmente já é um acúmulo de outras tantas acontecidas durante a vida, mas também no sentido de reformular sua maneira de pensar, sua maneira de perceber e uma maneira sadia de atuar.

Outra abordagem teórica que desperta entusiasmo é a de Gordon, sobre a terapia do luto e da tristeza, uma vez que é justamente na meia idade e na velhice que as pessoas sofrem o maior número de perdas. Na verdade, essa visão do luto é a mesma que tinha Freud, isto é, não se refere só ao luto pela perda de uma vida, mas ao luto por qualquer tipo de perda. Trata-se de uma abordagem extremamente atuante, porque dá o suporte necessário para as pessoas poderem enfrentar, elaborar, aceitar, e verificar seus próprios recursos para lidar com essas perdas. Podem ser perdas de pessoas, econômicas, da própria moradia, do ambiente em que a pessoa estava acostumada a viver, da facilidade que tinha, da cultura que muda e na qual ela se sente agora uma pessoa estranha.

Paul Baltes é outro pesquisador interessante. Trabalha com os estereótipos criados pela sociedade, como o preconceito de que a pessoa velha vai perdendo as capacidades cognitivas e, portanto, a capacidade de estar atuando no mundo, especificamente no mundo moderno, em constante transformação. Ele chega a uma conclusão interessante sobre o conceito de sabedoria, alguma coisa

que todo mundo, razoavelmente, sabe do que se trata. Consegue teorizar mais sobre o assunto e demonstrar que essa sabedoria, na realidade, é um conjunto de conhecimentos adquiridos ao longo da vida, mas com uma capacidade de avaliar e julgar, que só se desenvolve e aparece na velhice. Não é apanágio do envelhecer, pois muitas pessoas vão envelhecendo e não adquirem sabedoria, é um trabalho próprio, um desenvolvimento que precisa ser muito bem elaborado. Há elementos dessa sabedoria em pessoas mais jovens, mas falta-lhes experiência e vivência para avaliar e julgar.

Alguns aspectos da personalidade têm sido muito pesquisados. Dentre eles, levantei os mais ou menos recentes, como o conceito de flexibilidade e de rigidez. Essa é outra estereotipia com a qual se trabalha. Frequentemente se ouve dizer que o velho é conservador, rígido, que se apegua a determinadas coisas, não muda, não aprende, etc. As pesquisas têm mostrado, no entanto, que estes são traços da pessoa que, se detectados a tempo, quando ainda se é jovem, podem ser bem trabalhados. O ideal seria passar pelas etapas da vida com bastante flexibilidade e não com rigidez, que é o fundamento do conservadorismo. A rigidez não é coisa de velho, mas algo que acompanha a pessoa; quanto mais cedo for detectada e diagnosticada melhor para receber uma orientação e favorecer a flexibilidade, condição essencial para a

adaptação do ser humano em qualquer circunstância. É sabido que a grande vantagem da espécie humana está, justamente, na qualidade de se adaptar com certa facilidade. O homem adaptou o mundo às suas necessidades; precisa também se adaptar, constantemente, àquilo que vem acontecendo, para que continue sobrevivendo.

Há outros dois conceitos que são razoavelmente recentes, com pelo menos dez ou quinze anos. Um deles é o conceito de “locus of control”, que em português poderia ser traduzido por “lugar onde a pessoa coloca o controle da sua própria vida”. Ela coloca em si própria. A maior parte coloca em si mesma ou coloca fora, nos acontecimentos, nas pessoas. Assim o que lhe acontece atribui ao destino, à sorte, àqueles que estão, de alguma maneira, controlando sua vida ou acha que ela também é sujeito, agente, dona de si, pode atuar e administrar sua própria vida. É um conceito extremamente importante na meia-idade e na velhice. As decisões a respeito das pessoas idosas, muitas vezes, não são tomadas por elas, mas por outros que decidem por elas. Então se acomodam, renunciam ao direito de decidir sua própria vida, pois acham que não têm capacidade e, assim, passam a viver em estado de não-participação, viver um sentimento de impotência. Por outro lado, centralizar exageradamente o “locus of control” em si mesmo leva a pessoa a se sentir capaz de, absolutamente, tudo.

É o sentimento de onipotência, algo verdadeiramente irreal. Posturas extremas não são as recomendadas. No entanto, as pesquisas verificaram que aqueles, que na velhice colocam esse lugar de controle mais perto de si estão mais bem resolvidos e trabalhando melhor seu envelhecimento.

Além do “locus of control” temos o conceito “to cope”, termo sem correspondente em português. Pode ser traduzido como a maneira de se lidar com as situações; uma investigação a respeito de como uma pessoa esteve lidando com o que lhe aconteceu em algum momento da vida: um infortúnio, um sucesso, um casamento, a presença de filhos, um luto, etc. O modo de lidar com esses acontecimentos revela muito sobre a pessoa e pode dar subsídios para quem se dispõe a ajudá-la, dando-lhe alternativas, mostrando outros caminhos, abrindo outras portas, etc.

Muitas pesquisas referem-se às atitudes. A atitude é uma predisposição interna para agir. Costumamos dizer muito freqüentemente: “Fulano teve uma atitude nada elegante”. O que teve foi um comportamento. A atitude está por baixo, implícita. Essa atitude tem sido bastante investigada em relação à velhice. Qual é a atitude do idoso a respeito de si próprio ou da velhice? Há algum tempo fiz uma pesquisa interessante, que analisou basicamente o que os idosos dizem de forma indireta. A pesquisa consistiu em

analisar as produções literárias (crônicas) em que relatam situações contando como se sentiam e o que pensavam. Diziam estar ótimos, que se sentiam muito bem, que estavam plenamente aptos, que estavam atualizados dentro da sociedade e dispostos a contribuir, a participar, etc. Os mesmos viam a velhice como uma coisa horrível, pavorosa, da qual queriam escapar a todo custo, pois a velhice era um fardo, tinham perdas e era uma realidade negativa. Quer dizer, existe uma dicotomia entre o que pensam de si, enquanto indivíduos velhos, e o que pensam da velhice, enquanto um estado que os atinge. Isso mostra o peso e a força do preconceito que a sociedade tem em relação à velhice, às pessoas, atingindo inclusive os próprios idosos e criando um distanciamento ainda maior entre eles e as gerações mais jovens, como se houvesse antagonismo entre ambos, como se um fosse grande inimigo do outro. O trabalhador jovem, por exemplo, ao entrar no mercado de trabalho vê o velho, que não se aposenta, como alguém que está ocupando o seu lugar. Por outro lado, o velho vê esse jovem como alguém muito agressivo, que não o aceita e nem o respeita. São alguns exemplos de atitudes que revelam quantos preconceitos existem em relação à velhice. A fragilidade do preconceito está no fato de ele não ter fundamento algum. Sem dúvida, só quem é velho sabe o que é a velhice. Os que têm preconceitos vêem as coisas pelo lado

externo, não atingem a essência. É praticamente impossível acabar com todos os preconceitos. Quando muito, pode-se atenuá-los, através de uma aproximação e convívio entre as partes.

Os valores e, sobretudo, as emoções são outros tópicos freqüentemente investigados pela psicologia, como qualquer tipo de percepção, de conhecimento, de motivação, de função cognitiva.

Em relação às funções cognitivas os americanos têm uma vasta experiência de pesquisas. Os vários aspectos da cognição estão muito bem investigados, principalmente quanto aos aspectos de desenvolvimento, de manutenção, de declínio e de deterioração. No que diz respeito a capacidade de aprender, a experiência e a observação nos mostram que não é verdade, mas puro preconceito a afirmação de que na meia-idade e na velhice as funções cognitivas declinam e deterioram. As oficinas de flexibilidade mental com pessoas idosas levam a um desabrochar maravilhoso, ao aprendizado de coisas que tinham deixado de lado por falta de oportunidades ou por que acreditavam no preconceito de sua incapacidade de aprender.

Também a auto-imagem, a auto-estima e a auto-eficiência são temas freqüentes e importantes nas pesquisas. É em torno da auto-imagem positiva, da auto-estima, da capacidade de reconhecer os próprios valores e ser capaz de trabalhar com eles, que se pode gerar a



capacidade da eficiência.

Uma pesquisa interessante se refere à “mulher do meio”; termo cunhado, há uns 30 anos, pela gerontóloga americana Elaine Brody. A “mulher do meio” é basicamente a mulher adulta, próxima da/ou já na meia idade e que tem a seu cargo as gerações mais velhas e as mais novas; está “ensanduichada” entre ambas. Durante muito tempo, ela convive com seus filhos e/ou com a geração mais nova como professora ou em outras situações. Ao mesmo tempo, a geração acima dela está envelhecendo, está precisando de cuidados. É à mulher do meio que cabe arcar com a responsabilidade desses cuidados. Elaine Brody descreve com muita precisão essa situação, mostrando como a “mulher do meio” fica sacrificada e como pode ter negada a si mesma a vivência da própria vida. Essa “mulher do meio” tem perdurado apesar das grandes mudanças na sociedade, principalmente as decorrentes de movimentos femininos profissionalizantes, no sentido de ter acesso a vários tipos de carreiras ao invés de se restringir ao trabalho do lar e ao cuidado dos filhos. Atualmente está havendo uma melhor distribuição de tarefas; os homens também estão assumindo responsabilidades em relação aos filhos e em relação aos pais. É um bom prenúncio.

O conceito de “ninho vazio” está se tornando cada vez menos comum em virtude das mudanças de que falamos acima. A mulher hoje se preocupa cada

vez mais com seu futuro após a “revoada” dos filhos, e assim, passa a ocupar na sociedade um lugar que lhe garanta o desenvolvimento de suas aptidões e sua integração social. É uma conquista fundamental para a mulher viver sua vida em plenitude, além de criar e educar os filhos.

Em contrapartida, um novo fenômeno se torna cada vez mais freqüente, o do “ninho recheio”. É um fenômeno mundial, pelo menos no mundo ocidental, onde é grande a dificuldade de o jovem se encaixar numa carreira para sair da casa dos pais, para constituir família, para ter sua própria casa, etc. Com essa situação, a saída dos filhos fica adiada para depois dos 30 anos; o “ninho” continua re-cheado por mais tempo, além do séquito de conflitos, gerados pela ansiedade e indefinição quanto ao destino das pessoas em jogo. Acrescente-se ainda outro fator de “re-cheio”, que é o descasamento, o retorno dos filhos para a casa dos pais trazendo, muitas vezes, os próprios filhos. Está formado o “ninho re-cheio” que não é interessante, nem para a geração mais nova que gostaria de ter sua independência total, nem para a geração mais velha, que a essa altura da vida quer paz e sossego.

As pesquisas têm se preocupado ultimamente em saber se houve mudanças também no perfil das avós. Constatou-se que as avós modernas são bem diferentes das antigas, que dedicavam todo o seu tempo ao cuidado dos netos e liberando

os pais para outras tarefas ou para o lazer. Os avós modernos descobriram uma série de coisas das quais podem participar: a educação permanente, o lazer e outras atividades que os ajudam a viver mais plenamente sua velhice.

Um problema bastante freqüente e preocupante é a viuvez que acontece na meia-idade e na velhice, atingindo sobretudo a mulher. No mundo inteiro a demografia tem mostrado que a mulher tem uma sobrevida em relação ao homem; que nos países mais adiantados chega a nove anos. Na cultura ocidental, o casamento, geralmente, é realizado entre um homem mais velho e uma mulher mais nova, o que também contribui para que haja na meia-idade e na velhice um número maior de viúvas. A experiência da viuvez, após uniões que duraram 35, 40, 50 anos, é realmente muito difícil. Pior ainda é a reconstrução da vida em termos afetivos.

A aposentadoria é também um grave problema da velhice, principalmente para os homens. Sobre esse tema não faltam pesquisas. A aposentadoria é uma condição nova de vida. Perde-se um papel social construído e vivido durante anos, com o sacrifício dos próprios laços familiares e afetivos. Muitas têm sido as tentativas de se minorar os efeitos desagradáveis desta situação. Entre elas, merecem especial menção os cursos de preparação para a aposentadoria, onde

são abordados os vários aspectos da velhice e os caminhos para o planejamento de uma nova vida. Entre as diversas pesquisas sobre a aposentadoria e suas conseqüências lembro-me de uma muito elucidativa, cujo título é "O que fazer com ele 24 horas dentro de casa". Nem sempre se dá importância às conseqüências que a aposentadoria acarreta para a companheira do aposentado. Entretanto é muito séria a questão da adaptação da vida a dois, ao longo do dia e em meio às mudanças, às doenças, aos conflitos e até na espera da morte.

Outra questão muito investigada na velhice é a do estresse. A partir de determinada idade a preocupação com a morte pode tornar-se extremamente estressante, e é muito difícil lidar com essa idéia; um dia vai acontecer mesmo, é impossível driblá-la. Existem outros estresses, próprios da sociedade moderna ocidental, que atingem em cheio a meia-idade e a velhice. Vários são os agentes estressores: os microestressores, que podem ser sociais, orgânicos e afetivos, e presentes no dia-a-dia; os meso-estressores, que apesar de ocasionais são esperados, como o vestibular que estressa não só o jovem, mas a família inteira; o casamento; ser pai ou ser mãe; o primeiro emprego; a perda do emprego; a perda de pessoas; a perda da própria moradia; o luto; a mudança do lugar onde se viveu para outro desconhecido; viagens



longamente sonhadas; ganhar na loteria etc. Isto tudo exige grande adaptação. Os macro-estressores são os grandes acontecimentos sociais que atingem as pessoas como um todo: revoluções, guerras, catástrofes da natureza etc. Podem atingir especificamente os idosos, como aconteceu com o seqüestro das cadernetas de poupança, muito desgastante para essa categoria com poucos recursos para resistir a este tipo de opressão. Nessas situações é importante descobrir o papel da rede de apoio social e afetiva, sobretudo o papel da família, como “abafadores” do estresse, aquilo que dá suporte e suaviza os efeitos do estresse.

Essa questão nos leva a um outro problema, levantado pela gerontóloga Florine Livinson, o dos papéis familiares no curso da vida. Segundo ela, pouca gente se prepara para desempenhar papéis familiares ao longo da vida. Geralmente ocorre que, depois do nascimento, continuamos um bom tempo como “filhos de nossos pais”. Chega uma época de vida em que alguns filhos se tornam não só pais de seus filhos, mas também “pais de seus pais”. Daí, a importância da preparação para essa eventualidade. A tendência é fugir dessa penosa e constrangedora situação, mas temos que assumir esse compromisso com aqueles que nos deram a vida; por amor ou por obrigação, o desempenho deste novo papel se faz necessário

A ocorrência de problemas de-

menciais tem provocado a realização de pesquisas nessa área. Algumas dessas moléstias são de fundo orgânico e ocorrem também na velhice. Quanto mais avançada a idade, maior a proporção de incidência dessas doenças; com o aumento da expectativa de vida o número de pessoas atingidas vem aumentando. Essas ocorrências levaram ao aparecimento dos “cuidadores de idosos”; pessoas da própria família ou voluntários que se especializam em atender a esse tipo de idoso. A Psicologia tem contribuído para a eficiência deste trabalho. No diagnóstico, por exemplo, são importantes as entrevistas, a anamnese (levantamento completo da vida, observação registrada, etc.) para que se tenha uma análise mais objetiva do caso. São aplicados testes psicológicos que auxiliam e investigam na área da cognição; testes expressivos que permitem observar outras capacidades; testes projetivos que verificam a dinâmica e a estrutura da personalidade, etc. Escalas de avaliação e desempenho ajudam a compor um quadro de situação e são muito utilizadas em trabalhos de equipe. Dinâmicas de grupo e dramatizações são técnicas que também permitem elaborar diagnósticos mais elucidativos.

Como as equipes que trabalham com crianças, jovens e deficientes, também as que trabalham com idosos sofrem muitos desgastes. Para prevenir ou remediar essas situações emergentes, o psicólogo pode atuar de diversas

formas, utilizando desde a psicanálise freudiana e suas ramificações até a psicologia analítica de Carl Gustav Jung. A psicoterapia breve é indicada para um problema específico e, por isso mesmo, é mais rápida, compreendendo de 12 a 20 sessões. Com relação ao tratamento, problemas mais amplos e mais profundos exigem tempo e aprofundamento maior. As terapias de apoio são interessantes no processo de adaptação às mudanças. O psicodrama, assim como a logoterapia de Victor Frankl, são bastante apropriadas para o atendimento ao idoso. As técnicas de relaxamento estão sendo cada vez mais usadas, pois induzem ao relaxamento, deixam a pessoa num bom nível de equilíbrio, facilitando assim qualquer outro tipo de trabalho com ela. Em casos de pânico, medos específicos e fobias, por exemplo, o relaxamento tem mostrado resultados positivos. Abordagens corporais, que antes eram exclusivas para jovens, têm sido de grande utilidade para a recuperação física das pessoas de meia-idade e idade avançada.

Também faz parte desse trabalho uma série de orientações e aconselhamentos para os idosos (reunidos em pequenos grupos), para os familiares, para a equipe que dá atendimento e para a comunidade em geral. Isso é necessário para que a família, por exemplo, esteja preparada para aceitar o diagnóstico do seu idoso e o ajudar no tratamento posterior. O mesmo deve acontecer com

a comunidade. Nestes momentos, o importante é somar forças e não dividir.

Os grupos de auto-ajuda, constituídos por pessoas que compartilham do mesmo tipo de problemática, com um orientador à frente, é outro modelo que deve ser incrementado. Podem ser grupos diversos: cardíacos, obesos, diabéticos, parkinsonianos, etc.

É muito benéfico promover reuniões e encontros entre grupos e famílias de cuidadores, sob a coordenação do psicólogo, para que troquem experiências. Os cuidadores, por exemplo, podem não estar sabendo lidar com determinado problema, que envolve não só a organização e a distribuição de tarefas, mas também o emocional. A troca de experiências pode mostrar o caminho e formas de trabalhar essa situação.

A situação de um grupo coordenado por psicólogo pode propiciar a hora e o local de trabalhar emoções surgidas da vivência de ser cuidador.

Para finalizar, é de suma importância o trabalho de prevenção e de terapia do meio. Consiste, basicamente, na educação das novas gerações esclarecendo sobre o processo do envelhecimento em todos os seus aspectos e conscientizando sobre esse fenômeno inevitável e a necessidade de se mudar o tratamento que a sociedade dispensa a essa questão social. Em síntese, é necessário que haja um trabalho multidisciplinar, integrado, em nível de instituições e de mídia, para

que a comunidade se torne fonte de bem-estar para todos os seus membros, sem preconceitos e sem discriminação.

HOMENAGEM

# Reflexos da Aposentadoria sobre a Questão Social do Idoso

O presente artigo de autoria da assistente social Edith Motta, foi publicado na revista "Cadernos da Terceira Idade" - nº 7, no ano de 1981. Apesar do tempo, não deixa de ser oportuna a republicação desse estudo, pela atualidade das questões sobre um tema de extraordinária importância.

Por outro lado, é uma forma de recordarmos Edith Motta, já há algum tempo falecida, personalidade ímpar na gerontologia social de nosso país.

Quem é o aposentado? O aposentado é aquela pessoa que, depois de determinado tempo de serviço, adquire o direito a uma remuneração mensal, sem a contrapartida do trabalho. Dessejavelmente, tal importância deve satisfazer às múltiplas necessidades de quem a recebe.

A aposentadoria é, portanto, um direito adquirido. Pode ela ter outros resultados além daqueles que inspiraram sua institucionalização?

Infelizmente, sim.

Para que os reflexos da aposentadoria sejam apreendidos, parece importante comparar dois períodos de vida: o anterior ao ingresso no mercado de trabalho e o que antecede a aposentadoria. Muitos aspectos podem ser objeto de reflexão. Para efeito do que pretendo apresentar, dois se me afiguram de primordial importância: o significado dos dois períodos para os quais neles ingressam; e as perspectivas de vida dos que se preparam para uma nova etapa de suas existências - o trabalho ou a aposentadoria.

#### SIGNIFICADO DOS DOIS PERÍODOS

Para os jovens que desejam ingressar no mercado de trabalho, a perspectiva do primeiro emprego significa o fim de um período de improdutividade e dependência. O que a sociedade - pela voz da família, escola e igreja - espera das crianças é que elas se preparem para que,

num futuro próximo, se tornem capazes de prover a própria subsistência e orientar os próprios destinos. Não é à toa que muitos pais, ao se referirem aos gastos com a educação dos filhos, preferem falar em "investimentos". De fato, todos esperam que as despesas com os cuidados de saúde, estudo, educação, lazer etc., dos menores tenham breve retorno, sob a forma de contribuição que os jovens trarão à sociedade.

A seu turno, os próprios jovens fazem planos sobre o futuro: aceitam a dependência, ou a ela se submetem, como estágio necessário ao alcance da independência e da produtividade e preparam-se para o trabalho, entendido como o principal recurso para o alcance de ambas as coisas.

Qual o significado da aposentadoria para os que dela se aproximam?

Sob muitos aspectos, a perspectiva da aposentadoria tem significado inverso e, não raras vezes, é percebida, pelos que a ela fazem jus, como retorno à situação de improdutividade e dependência. Outros, porém, anseiam pela aposentadoria como liberação de uma situação vivida como indesejável ou pouco compensadora ou, ainda, como oportunidade de experiências incompatíveis com as exigências de trabalho. Para estes, a aposentadoria é vista como etapa mais gratificante e mais compensadora, porque vivida com maiores possibilidades de escolhas pessoais, renovação e sentimento de liberdade.



Para o jovem, o ingresso no mercado de trabalho é percebido mais como início de uma nova etapa de vida do que como fim de um período. Na realidade, a independência procurada através da atividade remunerada não ocorre da noite para o dia e, assim, os passos iniciais no primeiro emprego não representam uma quebra total do sistema de vida até então conhecido; mas para os que se aposentam, a situação é bem diversa.

Mesmo para os que, no dizer de alguns, aceitam a aposentadoria como “nova carreira”, o ingresso nesse período da existência representa uma total ruptura com a situação anterior. E esta ruptura é, forçosamente, sentida como perda.

O jovem sente-se ajudado, pelos que o cercam, a fazer parte da situação na qual deseja ingressar; os pré-aposentados sentem-se, por vezes, pressionados pelos que os rodeiam a abandonar uma situação na qual, com freqüência, prefeririam permanecer por mais algum tempo.

Os jovens vêem o ingresso no trabalho como um passo à frente, em direção a novas possibilidades; os pré-aposentados talvez se sintam caminhando em direção oposta.

O trabalho é visto como ascensão; para os que não têm outras possibilidades de vida, a aposentadoria pode ser vista como declínio.

O trabalho promete segurança; a aposentadoria pode ameaçar com in-

certeza. O trabalho pode ser idealizado como o primeiro passo para subir na vida; a aposentadoria pode ser temida como o primeiro degrau de descida.

## PERSPECTIVA DE VIDA

Intimamente relacionadas ao significado de vida estão as perspectivas de vida dos que se aproximam da data de iniciar o trabalho ou de se afastar. No primeiro item — significado dos dois períodos — tentei resumir o que sentem aqueles que se encontram em uma e em outra situação.

Agora, um esforço será feito no sentido de refletir sobre o que estas mesmas pessoas esperam da nova situação na qual ingressam.

Os dois grupos têm perspectivas de vida. Uma diferença talvez resida no fato de o primeiro acalantar maior número de esperanças que o segundo.

Antes de detalhar estes pontos, é oportuno salientar que os resultados concretos obtidos pelos dois grupos não serão estudados. Muitos jovens ingressam na vida profissional com esperanças ou receios que nunca se tornam realidade; o mesmo pode ser dito em relação aos que se aposentam. O que interessa, no momento, é uma reflexão sobre as perspectivas de vida, frequentes nestes dois momentos da existência.

Talvez seja correto mencionar, de início, os aspectos financeiros. No começo da carreira, o jovem acalenta a esperan-

ça de prosperidade. Sonha progredir no emprego, merecer promoções ou encontrar colocação melhor, vir um dia a perceber salário compensador, fazer bons negócios, tornar-se financeiramente independente etc. O aposentado sabe, porque todos sabem, que o provento de sua aposentadoria será fatalmente inferior aos salários percebidos nos anos de atividade; sabe, ainda, que os reajustamentos feitos em decorrência da espiral inflacionária serão insuficientes para compensar a desvalorização do dinheiro; sabe que não terá novas promoções e, sobretudo, sabe que não mais lhe resta tempo para fazer um pecúlio. Se até aquele momento não conseguiu fazer o seu pé-de-meia, a menos que continue a trabalhar (o que nem sempre é possível) terá que se conformar com o valor de sua aposentadoria.

Finalmente, ele não ignora que as despesas com a própria saúde tenderão a crescer, embora a receita tenda a diminuir.

No que diz respeito ao status funcional, o jovem tem perspectivas de ascensão; os que se aposentam têm a certeza de perda objetiva do status funcional conquistado, qualquer que tenha sido ele. Os bem-sucedidos em suas respectivas carreiras podem cultivar a esperança de ainda serem reconhecidos pelo que foram. Mas têm, também, a certeza de que não mais desfrutarão das vantagens que lhes adinham das posições antes ocupadas, a menos que reingressem no

mercado de trabalho. Seja dito de passagem que tais pessoas, muitas vezes, obtêm posições equivalentes graças aos resultados anteriormente obtidos — mas por tempo mais curto.

Os que se iniciam numa carreira profissional, ingressam em mais um grupo social, diferente daqueles aos quais pertenciam anteriormente. Esta nova situação carrega em seu bojo outras perspectivas de vida: novas relações, novos amigos, novas oportunidades de convivência social. Os que se aposentam afastam-se dos colegas de trabalho e, provavelmente, temem perder os amigos que lá fizeram. Sabem, também, que as oportunidades de ingresso em outros grupos iguais irão se tornando progressivamente mais escassas e difíceis. Assim, no início da atividade profissional, a perspectiva mais próxima é a de ampliação do universo social; ao término desse período, a perspectiva mais provável talvez seja a de uma brusca redução do universo social.

Intimamente ligada aos aspectos já mencionados está a questão do casamento. É a partir da atividade remunerada que, para a maioria dos jovens, a idéia de constituir a própria família começa a tornar-se viável. Na atualidade, tal fato é verdadeiro para os homens e, também, para grande número de mulheres. Em passado não muito distante, a contribuição financeira da mulher para as despesas da casa era vista como sintoma de incapacidade do homem em assumir os encargos



de chefe de família. Hoje, a mentalidade é outra e os noivos planejam o futuro do casal contando com o orçamento único, resultado da soma dos salários de ambos.

Mas as perspectivas dos jovens em relação ao casamento não se esgotam com a possibilidade de manutenção de um novolar; eles querem uma casa X, num bairro Y e desejam um certo número de filhos educados dentro de determinados padrões. Enfim, eles sonham com a família que irão constituir.

Quais as perspectivas dos que se aposentam, em relação à família? Em essência, bem diversas. Para eles, a família ou foi constituída muitos anos antes, ou não mais o será. Os casados poderão pensar em ver nascer os netos e a eles dispensar cuidados e atenções, embora saibam que o relacionamento com os netos será forçosamente diferente daquele que mantiveram com os filhos.

Os que não se casaram ou, por qualquer motivo, vieram a perder seus companheiros ou companheiras de vida, talvez experimentem maiores receios do que esperanças ante a possibilidade de maior número de horas numa casa vazia.

Em resumo, as perspectivas de vida do jovem que ingressa no mercado de trabalho talvez sejam mais risonhas do que as antevistas pelo homem de meia-idade que se prepara para dele sair. O jovem tem um longo futuro à sua frente e deseja entrar para o grupo de adultos; o futuro do aposentado é curto e a ele

repugna a idéia de ingressar no grupo de idosos; o jovem vai ao encontro da vida; o aposentado foge da perspectiva da morte.

## PROPOSTAS

Mas o destino dos aposentados será, fatalmente, a improdutividade e a dependência? Os idosos serão, necessariamente, pessoas solitárias e sem amigos? Inexistirão outras perspectivas de vida, além das oferecidas pelo trabalho remunerado?

Creio que tais perguntas, e outras que a elas poderiam ser acrescentadas, têm resposta negativa.

Há poucos dias, o mundo se comoveu com o atentado praticado contra o sexagenário João Paulo II. A reação imediata e violenta não resultou do fato de um jovem haver agredido um velho. Ela foi fruto direto da revolta contra os que não aceitam a mensagem de paz trazida a todos, indistintamente, por um homem — um peregrino da paz. A nação mais rica do planeta escolheu um presidente que completava 70 anos e a França, terceira potência mundial, preferiu um chefe de 63 anos de idade. Não tenhamos dúvidas — o mundo é dirigido por idosos. Não sou eu quem afirma isto. Os fatos aí estão: presidentes como Jânio Quadros, no Brasil, e John Kennedy, nos Estados Unidos, eleitos com pouco mais de 40 anos, se constituem em exceção.

No mundo da política, dos negó-

cios, das artes, da literatura, da ciência, da religião, a importância e a contribuição dos mais vividos não pode ser desconhecida nem menosprezada. João XXIII foi aclamado Papa aos 80 anos e todos — mesmo os que não aderem à doutrina católica — acompanharam com entusiasmo e admiração o processo de rejuvenescimento e renovação por ele deflagrado na Igreja de Roma. Picasso foi Picasso até o fim de seus dias; Churchill, com mais de 80 anos, foi respeitado como político, mesmo por seus adversários. E outros tantos exemplos poderiam ser lembrados.

Mas estes são nomes universalmente conhecidos, ante os quais sempre se levanta a suspeita da exceção. Serão realmente raros os idosos que se mantêm ativos e úteis até o fim de seus dias? Vale a pena pensar sobre o assunto. Numerosos são os senadores sexagenários que não abandonam cadeiras conquistadas nas urnas. São também numerosos os abades e abadessas de conventos e casas religiosas. E nossas babás de antigamente? E nossos antepassados que morreram empunhando o bastão de chefes de família?

O que existe de comum nos exemplos apresentados é o fato de que tais pessoas, na realidade, não se aposentaram, no sentido de que não abandonaram aquelas atividades nas quais se sentiam úteis e competentes.

Não fugiram do desempenho dos papéis assumidos na juventude ou na

maturidade. Os chefes religiosos permanecem em seus postos, os políticos continuam em atividade, os artistas (nas diferentes modalidades) não abandonam a Arte.

Mas, mesmo entre os que — voluntária ou compulsoriamente — encerram uma carreira, encontram-se pessoas profundamente satisfeitas e outras, ao contrário, terrivelmente insatisfeitas. Que motivos determinam o fato de a mesma circunstância - a aposentadoria - ter reflexos tão contraditórios sobre os que nela ingressam?

A meu ver os aposentados que, realmente, usufruem o novo estágio de vida são, de um lado, aqueles para os quais as exigências do trabalho representavam um entrave à realidade de outras atividades por eles percebidas como de importância maior; e, de outro lado, os que encontraram, na aposentadoria, novas oportunidades de vida útil e produtiva.

Para os primeiros, a aposentadoria representa liberação de uma situação desagradável e a possibilidade de experiências gratificantes; para os últimos, ocasião de aperfeiçoamento em atividades que merecem a preferência individual de cada um.

A meu ver, a aposentadoria é uma situação a ser temida: Ex.:

1º) Quando os que nela ingressam não têm outros interesses de vida, além dos relacionados ao trabalho. Por isso, defendo a necessidade de diversificação

de interesses pessoais, desde a mais tenra infância;

2º) Quando o trabalho deixa de ser um meio de vida e passa a ser um objetivo de vida. Por isso, defendo a necessidade de múltiplos e diversificados objetivos de vida, também desde a infância;

3º) Quando as relações sociais passam a confundir-se com as funcionais. Por isso, defendo a criação e a multiplicação de equipamentos sociais, fora dos locais de trabalho, e que, por si mesmos, favoreçam a nucleação de grupos de convivência. Tais equipamentos devem ser acessíveis a todos, indistintamente;

4º) Quando o ingresso na aposentadoria representa uma drástica interrupção da atividade produtiva. Por isso, defendo a necessidade de uma legislação que possibilite a diminuição das horas de trabalho no período que antecede a aposentadoria; defendo, ainda, a adoção do sistema de “aposentadoria antecipada”. Por tal sistema, após determinado tempo de serviço, o trabalhador faria jus a um período de inatividade durante o qual poderia preparar-se para a aposentadoria definitiva;

5º) Quando a renda pessoal do aposentado é insuficiente para a manutenção do nível de vida por ele considerado desejável. Por isso, defendo a necessidade de revisão do sistema previdenciário, de modo a que o aposentado tenha a garantia de vencimentos compatíveis

com suas necessidades. Defendo, ainda, a necessidade de programas que ajudem o trabalhador a prever o futuro;

6º) Quando as condições de saúde do aposentado não permitem que ele usufrua das vantagens deste novo período de vida. Por isso, defendo a necessidade de serviços de assistência médica - preventiva e curativa - que atendam a população do berço ao túmulo e propiciem a elevação do nível sanitário do brasileiro;

7º) Quando o ambiente familiar do aposentado lhe é hostil. Por isso, defendo a necessidade de um esforço pessoal de cada um de nós, no sentido de um constante aprimoramento dos laços invisíveis, mas tão fortes, que nos prendem a nossos familiares. Defendo, ainda, a necessidade de equipamentos sociais que ofereçam possibilidades alternativas de convivência social, de modo a que as pessoas se renovem e voltem para casa enriquecidas com experiências diferentes das vividas com o grupo familiar;

8º) Quando as condições humanas e ambientais de moradia do aposentado lhe são desfavoráveis. Refiro-me, de modo especial, às pessoas que residem em casas superpovoadas ou, ao contrário, vazias e que, portanto, não têm condições de convivência pessoal satisfatórias. Por isso, defendo a criação de equipamentos sociais que compensem estas deficiências e ofereçam ao aposentado oportunidades

de, por si mesmo, empenhar-se na busca de solução para suas dificuldades;

9º) Quando as condições materiais de moradia não permitem ao aposentado o uso de equipamentos adequados às suas necessidades. Por isso, defendo a necessidade de o Governo dispensar crescente atenção ao problema habitacional de nossa gente;

10º) Quando a sociedade nega ao aposentado oportunidades de efetiva participação. Por isso, defendo a idéia de um movimento amplo que viabilize:

a) oportunidades de os idosos opinarem sobre seus direitos e deveres.

Por que os aposentados não são ouvidos sobre o que lhes convém?

Por que não são animados a redigir a Carta dos Direitos Humanos dos Idosos?

b) oportunidades de os idosos reivindicarem aquilo que lhes pareça necessário ao alcance de suas aspirações;

c) oportunidades de os idosos opinarem sobre a contribuição que podem e desejam continuar oferecendo à sociedade;

d) oportunidades de os idosos escolherem as atividades e os programas dos quais desejam participar;

e) oportunidades de os idosos opi-

narem sobre o modo pelo qual desejam ser tratados e reconhecidos. Alguns programas destinados a idosos consistem, na realidade, na transposição pura e simples dos procedimentos adotados nos jardins de infância. Os idosos ressentem-se com esse tipo de tratamento e, muitas vezes, a eles se submetem apenas por falta de outras opções. Mas os resultados assim obtidos se traduzem em acelerados e desnecessários processos de regressão e dependência;

f) oportunidades de os idosos circularem livremente na sociedade em que vivem. Neste particular, lembro que os transportes coletivos de nossos centros urbanos parecem destinar-se apenas aos jovens; nossa arquitetura, com frequência, desconsidera as possibilidades físicas dos possíveis habitantes e frequentadores de nossas casas; nossos urbanistas nem sempre refletem, com a atenção devida, sobre as necessidades dos habitantes de nossas cidades; os equipamentos de lazer (teatros, cinemas e estádios esportivos) muitas vezes impedem o comparecimento dos que nunca tiveram ou, por qualquer motivo, perderam suas forças físicas;

g) oportunidades de os idosos disporem dos equipamentos de que necessitam para satisfação de suas necessidades sociais. Refiro-me, de modo especial, a centros de convivência que

funcionem em horário compatível com as disponibilidades do idoso, ofereçam atividades também compatíveis com suas possibilidades físicas e emocionais e favoreçam o contato com a realidade do mundo. O idoso não pode ser segregado. Ele precisa manter-se integrado; precisa participar da sociedade que ajudou a construir; precisa relacionar-se com a própria família e com amigos; precisa manter-se inserido na comunidade em que vive.

Em resumo, proponho que a sociedade se empenhe no sentido de garantir ao idoso o espaço social que lhe é devido, de modo que a aposentadoria não seja percebida como fim de uma etapa de produtividade e independência, mas, realmente, vivenciada como um período gratificante de vida, durante o qual os que nela se encontram possam:

— desfrutar de um direito adquirido com o esforço pessoal;

— sentir-se como membros participantes e produtivos da sociedade que os viu nascer e que ajudaram a prosperar.

(Artigo extraído da publicação “CADERNOS da Terceira Idade”, número 7, ano 1981, páginas 7 a 11)



O ESTATUTO  
DO IDOSO  
(Lei 8.842)

No Encontro  
Estadual de  
Campos do Jordão

Publicamos neste artigo a síntese dos estudos, das discussões e das propostas sugeridas pelos grupos participantes do 12º Encontro Estadual de Idosos. Encontro realizado na cidade de Campos de Jordão, no período de 25 a 28 de setembro de 1997, e que reuniu mais de 800 idosos, representando grupos de 25 cidades do interior e mais 5 da capital do Estado de São Paulo.

As sugestões/propostas estão organizadas por temas específicos, conforme os itens definidos na Lei 8.842 e apresentados no painel do Encontro, intitulado “Recursos Sociais Necessários à Qualidade de Vida dos Idosos” nas áreas de Saúde, Educação, Trabalho e Previdência, Habitação e Urbanismo, Justiça, Cultura, Esporte e Lazer.

Em seguida, publicamos os documentos “Manifesto de Campos do Jordão” e “Recomendações do 12º Encontro Estadual de Idosos”, produzidos no referido evento.

## PROPOSTAS

### SAÚDE — GRUPOS DO SESC CONSOLAÇÃO, PINHEIROS, POMPÉIA

Para que se modifique a visão sobre a saúde para um envelhecimento saudável e se dignifique a atenção e o atendimento às pessoas mais idosas, sugerimos algumas idéias para estudos e viabilidades operacionais:

#### 1ª) PREPARAÇÃO DA JUVENTUDE

## PARA UM ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL

Os jovens de hoje serão os idosos de amanhã. É necessário, portanto, ajudar os jovens a zelar pelo potencial de saúde, característico dessa faixa etária, para que prolonguem por longo tempo o vigor, a força de trabalho, a capacidade criadora, e possam chegar à velhice com melhor qualidade de vida ativa.

#### 2ª) ACESSO PERMANENTE A ATENDIMENTO MÉDICO

Criar condições de higiene e atendimento médico capazes de assegurar exames periódicos de saúde.

#### 3ª) CRITÉRIOS MAIS ADEQUADOS PARA O FUNCIONAMENTO DOS PLANOS DE SAÚDE

É necessário ampliar a cobertura dos planos de saúde para abranger as doenças típicas do envelhecimento, com preços acessíveis às pessoas idosas, para garantir acesso a um acompanhamento médico de boa qualidade.

#### 4ª) MELHORES POSTOS DE SAÚDE PÚBLICOS

Instrumentalizar (pessoal e materialmente) os postos de saúde públicos para que possam dispensar maior tempo e cuidados no atendimento ao idoso, orientando, por exemplo, sobre as medidas básicas de higiene e saúde, além de outras melhorias na qualidade

de sua saúde.

#### 5ª) PROGRAMAS DE ATIVIDADES FÍSICAS

Criar programas de conscientização sobre a importância da atividade física, do lazer e da recreação, como ingredientes indispensáveis para se garantir uma velhice mais saudável.

#### EDUCAÇÃO — GRUPOS DO SESC CARMO, IPIRANGA, SÃO CAETANO

Pensar em educação para o idoso é buscar um sentido mais amplo para esse tema. Sentido que nasce da necessidade que ele tem de acesso a um maior e mais diversificado número de informações sobre a realidade e de conhecer seus direitos para, assim, reivindicá-los.

Apresentamos algumas sugestões/propostas, esperando que gradativa e eficazmente possamos avançar na questão educativa, tão importante não só para a população idosa, em particular, mas também para todo cidadão brasileiro.

— Criação de programas de alfabetização para idosos, cursos e pesquisas com linguagens e metodologias apropriadas e veiculados, por exemplo, através de um canal de televisão.

— Criação de programas educacionais que contenham, além de informações teóricas gerais, encaminhamentos práticos sobre questões vitais a um

envelhecimento mais digno e saudável.

— Atenção especial e criteriosa na formação e reciclagem dos profissionais que, nas mais diversas áreas e níveis de atendimento, atuam junto a idosos/grupos e, especificamente, em programas de cunho educacional.

— Criação de espaços, campos de atuação etc, que possibilitem a experimentação e o aprendizado dessas e de outras propostas educacionais. Exemplos: centros de convivência, grupos de reflexão, clínicas-dia etc.

— Utilização de campanhas publicitárias no sentido de veicular uma imagem mais positiva do envelhecimento; imagem de respeito, de valorização e de boa educação por parte de outras faixas etárias da população.

#### TRABALHO E PREVIDÊNCIA SOCIAL — GRUPOS DO SESC DE SÃO CARLOS E RIBEIRÃO PRETO

É notório que o Brasil apresenta hoje um novo padrão demográfico: um envelhecimento relativo da população e um aumento da sobrevida média. Daí a necessidade de se adotar uma idade mínima para a aposentadoria e manter o poder aquisitivo do contribuinte. O alinhamento entre benefício e receita

é indispensável para a saúde de todo o sistema previdenciário.

Com relação ao trabalho complementar na 3a. idade existem muitos comentários, sugestões e intenções políticas bem intencionadas, mas no que se refere a ações concretas, projetos ou medidas efetivas, pouco se tem avançado.

A Lei 8.842 deu um passo importante, mostrando que o governo está atento a esse novo fenômeno da realidade brasileira, o do envelhecimento populacional. Questões básicas foram definidas e muitos direitos preservados. É um processo lento de mudança, em que a lei precisa ser efetivamente aplicada. Nós, idosos beneficiados, temos que pressionar e contribuir positivamente para que isso aconteça.

Expomos aqui algumas de nossas idéias/sugestões para serem levadas por movimentos de 3a. Idade, técnicos e instituições:

— acionar mecanismos de influência política para que a representatividade dos idosos, através de Conselhos, Nacional, Estadual, Municipal, se faça presente nas decisões do Congresso, Câmara dos Deputados e Assembléias Estaduais;

— eliminar, gradativamente, as aposentadorias especiais de uma minoria privilegiada, e melhorar as da grande maioria desamparada;

— incentivar a manifestação dos idosos, isolada e/ou conjuntamente, contra a privatização da Previdência Social;

— acompanhar atentamente o andamento das atuais reformas da Previdência, no sentido de se mobilizarem, idosos e aposentados, caso direitos e benefícios já conquistados sofram alterações “a pior” ou até sejam extintos;

— fomentar estudos e encaminhamento de procedimentos administrativo-burocráticos para agilizar os recebimentos de aposentados e pensionistas; mover ações e processos trabalhistas visando melhorar o atendimento aos contribuintes idosos mais necessitados;

— organizar programas de esclarecimento e orientação aos idosos, nos mais diversos locais onde estão ou se reúnem, para que não se deixem manipular por interesses políticos, principalmente nas épocas de campanhas eleitorais;

— envolver os idosos em programas como o “PROGER” (Programa de Geração de Empregos e Rendas) para que consigam colocação no mercado de trabalho;

— incentivar a idéia de um Banco de Empregos Temporários para aposen-

tados recentes, especializados, e outros interessados em se ocupar e ampliar seus salários, idéia que poderia ser organizada por empresas, instituições privadas com programas específicos para grupos de idosos; entidades sociais de prestação de serviços para essa faixa etária, áreas administrativas de setores públicos municipais etc.

## HABITAÇÃO E URBANISMO — GRUPO DO SESC DE SANTOS

Hoje é necessário e inadiável que as cidades sejam preparadas para conviver com a nova realidade da população idosa, qual seja, a maior concentração de cidadãos idosos com suas demandas específicas e tempo disponível para atuar e participar de todos os níveis da vida social, e, assim, adquirir condições mais satisfatórias de vida para si próprios e para o conjunto da sociedade.

Após a regulamentação da Lei 8.842, é necessário que sejam implantadas, em nível regional e local, políticas adequadas à realidade do idoso a fim de serem eliminadas barreiras físicas e arquitetônicas, e assim garantir ampla mobilidade e autonomia a todo tipo de pessoa idosa. Igualmente, criar e incentivar os existentes programas culturais, educativos e de lazer, para que sejam devidamente adaptados às condições físicas e psicológicas da terceira idade,

e assim possam assegurar opções duradouras para a melhoria de sua qualidade de vida.

Para concretizar essas políticas municipais para que possam aparelhar e preparar as cidades para uma convivência harmônica com essa categoria etária, vários fatores e áreas de atuação devem ser contemplados; entre eles destacam-se os serviços e obras públicas, os transportes, a legislação, os códigos de postura etc.

Nesse contexto, apresentamos sugestões/propostas, acreditando que possam contribuir, inclusive com a questão habitacional, para que os idosos aprimorem suas condições para um envelhecimento mais saudável.

1ª) Uma legislação estadual que garanta ao idoso de baixa renda, que não seja proprietário, o mínimo de 10% das unidades construídas por projetos habitacionais.

2ª) Ampliação da atuação dos governos municipais, no que se refere à moradia do idoso, no sentido de criar e/ou ampliar:

- República de idosos (nos moldes das repúblicas de estudantes).

- Casas-dia (permanência diurna, com direito a todos os serviços necessários, e retorno noturno ao convívio familiar).

3ª) Implementação, pelos governos municipais, de projetos de locação social, priorizando idosos e outros seguimentos carentes da população; e ainda, isentando os idosos proprietários do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano).

4ª) Criação e expansão, em nível regional e municipal, de centros de convivência de idosos, desenvolvendo-se nesses locais programas de incentivo à cidadania, ao lazer, à educação e às atividades profissionais de geração/complementação de renda.

5ª) No tocante a asilos, casas de repouso e instituições similares, que a legislação determine não só as normas e as obrigações relativas à saúde e especificações de caráter físico, mas também sobre itens como:

- orientá-las a manter programas permanentes de cultura e recreação;
- garantia de horários diários de visita;
- permissão ao internado, não dependente, de saídas para passeios, cultos religiosos e outras atividades de seu interesse;
- instalações e equipamentos que garantam segurança, higiene e conforto.

6ª) Criar um item na legislação que determine às novas instalações de repartições públicas, bancos, centros de cultura e lazer etc, a inclusão de rampas,

elevadores e outros equipamentos facilitadores do acesso de pessoas idosas e deficientes a esses locais.

#### JUSTIÇA — GRUPOS DO SESC DE CAMPINAS, PIRACICABA, SOROCABA

Como está definido no artigo 5º da Constituição “Todos são iguais perante a Lei”, nós idosos temos que nos conscientizar sobre esse direito e, de forma conjunta e solidária, buscamos todos os meios para reivindicá-lo. Temos o dever, como cidadãos brasileiros, de contribuir para que as leis sejam aplicadas dentro do espírito democrático, sem parcialidades, desvirtuamentos, discriminações e outras formas de desigualdade e/ou privilégios.

Apresentamos algumas sugestões, esperando que possam contribuir para que os idosos sofram menos injustiças e tenham uma atuação cada vez mais eficiente em defesa de seus direitos universais como seres humanos, e legais como cidadãos brasileiros:

— que o idoso, isoladamente e/ou em grupo, procure conhecer as leis referentes a seus direitos, esclarecer dúvidas e pedir a colaboração de advogados, políticos, promotores etc, no sentido de se criar uma ação moralizadora, menos corruptível e mais bem intencionada na elaboração e aplicação das leis;

— que os idosos, em condições

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN LIBRARY



de participar, procurem se envolver e apoiar movimentos, associações, grupos etc, e assim gradativamente, possam sair daquela postura passiva e dependente, tão frágil e impotente ante às injustiças sociais;

— que os documentos alusivos aos direitos dos idosos (leis, cartilhas, folhetos institucionais, etc) sejam distribuídos à comunidade em geral e a todo tipo de idoso, não só em períodos eleitorais, datas comemorativas, campanhas ou eventos especiais;

— que se crie mecanismos legais que permitam ao idoso opinar, aprovar e fiscalizar sobre formulações e reformulações de seus direitos. Exemplo: Conselho Nacional, Estadual e Municipal do Idoso...

#### CULTURA — GRUPOS DO SESC DE CATANDUVA E SÃO JOSÉ DO RIO PRETO

A participação em trabalhos de grupo, o envolvimento em centros e grupos de convivência, têm despertado e favorecido o interesse do idoso para as mais diversas manifestações de cultura. Nos últimos anos, observa-se uma mudança comportamental bastante satisfatória nesse sentido. Nas unidades do SESC, por exemplo, houve um aumento significativo do número de idosos que se inscreveram

em atividades culturais, como oficinas artesanais, expressão teatral, canto coral, danças, comunicação, debates culturais, etc. Significativo também tem sido o interesse pelas programações das Escolas Abertas que, por sua característica mais informativa, têm contribuído muito para melhorar o nível cultural dos idosos participantes.

No entanto, a grande maioria da população idosa ainda não tem acesso aos programas culturais desenvolvidos por entidades públicas ou privadas. Sugerimos algumas idéias, para que num futuro bem próximo, possam ser efetivadas por organismos competentes.

— criação de medidas que facilitem o acesso da população idosa ao teatro, ao cinema e a outras manifestações culturais;

— estabelecimento de estratégias para a valorização das manifestações folclóricas regionais, identificando o idoso como transmissor de cultura popular;

— abertura de escolas de arte (música, teatro, artes plásticas, etc) com metodologia adequada ao aprendizado de pessoas idosas, para que estas possam se desenvolver como produtoras culturais;

— elaboração de programas de rádio e televisão, além de revistas especializadas para o público idoso, contribuindo assim para um maior desenvolvi-



mento cultural do idoso;

— criação de instrumentos facilitadores ao acesso da pessoa idosa aos modernos maquinários tecnológicos, que tenham utilidade para sua vida cotidiana, como por exemplo, cursos práticos de informática, telecomunicação, manuseio de aparelhos eletrônicos etc.;

— incremento de programas de turismo e passeios culturais, com preços acessíveis ou formas de pagamento facilitados.

## ESPORTE E LAZER — GRUPO DO SESC DE BAURU

Ao lado da saúde, habitação, educação, etc, o lazer e as práticas esportivas aparecem também como necessidades básicas para um envelhecimento mais qualitativo. Os benefícios da prática esportiva e da ocupação do tempo livre com atividades de lazer são, hoje, amplamente veiculados e reconhecidos por todos aqueles que já passaram a incluí-las em seu estilo de vida. Há vários anos, essas atividades têm sido incentivadas e desenvolvidas por instituições, entidades e organismos públicos e privados, e com satisfatória adesão da clientela idosa.

Infelizmente, uma grande parte de nossa população idosa ainda não tem acesso a esse tipo de atividade, já

que o acesso é restrito a uma parcela de idosos integrantes de núcleos e grupos de convivência vinculados a instituições privadas e/ou assistidos por Prefeituras Municipais.

Sugerimos:

— que sejam estudadas formas de facilitar o acesso de pessoas idosas em eventos promovidos por secretarias municipais (esporte, turismo, cultura, etc), tais como: festas comemorativas, shows artísticos, jogos recreativos locais/regionais etc;

— que esses eventos não elitizem a participação, priorizando os idosos mais capacitados, mas procurem favorecer os mais necessitados. Para isso podem ser utilizados espaços como: praça pública, escola, centro comunitário, centro esportivo, salão paroquial, bosque, asilo etc;

— que nesses eventos haja um esforço para integrar profissionais, voluntários, verbas públicas e ações, etc, no sentido de oferecer, melhorar e ampliar as oportunidades de ocupação saudável e entretenimento cultural a um maior número de cidadãos idosos. Para tanto é estratégico buscar a parceria e/ou solicitar a colaboração de associações, agremiações, conselho municipal do idoso, entidades filantrópicas etc;

— que em todos os programas, atividades e eventos, destinados ao público idoso, haja uma atenção toda especial na preparação e formação dos profissionais que vão atuar junto a ele;

— que toda ação dirigida ao público de 3a. idade tenha sempre um caráter educativo, uma postura construtiva, considerando cada idoso capaz de assumir sua vida, conviver com suas limitações, desenvolver habilidades, enfim, viver mais prazerosamente esse tempo de maturidade...

#### MANIFESTO DE CAMPOS DE JORDÃO

(Documento redigido pelos idosos do Vale do Paraíba e lido no encerramento do Encontro Estadual de Idosos)

Este é um momento histórico. Estamos reunidos aqui nesta Praça Capivari da belíssima cidade de Campos de Jordão. Durante três dias participamos de conferências e debates sobre questões do idoso, estudando seus direitos e os recursos necessários a sua melhor qualidade de vida.

A Lei 8.842, recentemente promulgada pelo Presidente da República, foi cuidadosamente analisada e discutida neste memorável Encontro Estadual. Estamos convencidos da sua importância, pois ela cria condições para promover a autonomia, a integração e a participação dos idosos na sociedade; e atribue competências a órgãos e entidades públicas

para a implantação dessa política nas áreas da Saúde, da Educação, do Trabalho e Previdência Social, da Habitação e Urbanismo, da Cultura, da Justiça, do Esporte e do Lazer.

A divulgação e o cumprimento desta Lei dependem, e muito, de todos nós. Precisamos da união, do esforço concentrado dos grupos da 3a. idade, das associações de aposentados e de todo o povo brasileiro, no sentido de evitar que este instrumento legal seja, como muitos outros, engavetado e esquecido, por falta de interesse dos nossos homens públicos e a inexistência de pressão por parte de nossa sociedade.

De mãos dadas, somando nossas forças, devemos lutar com o coração aberto pela conscientização da sociedade sobre a existência de uma população idosa, que cresce a cada dia; população que tem necessidades e direitos, e que agora, mais do nunca, está disposta a reivindicá-los, buscando seu espaço através do pleno exercício de sua cidadania.

Alguém afirmou que os preconceitos sociais resultam de uma cultura imposta às consciências e se incorporam ao cotidiano das pessoas. No entanto, é preciso que todas as forças vivas da sociedade reajam a essa cultura, contribuindo assim, cada qual a sua maneira, para que os idosos superem suas limitações e os preconceitos. Assim, livres de todos os tabus que estigmatizam a velhice, possam oferecer a essa mesma sociedade,

contribuições valiosas como:

— proporcionar aos mais jovens, através de suas vivências e diálogo, uma orientação segura ante esse mundo de violências, drogas, Aids, e dessa forma evitar que adoçam e morram antes mesmo de desabrochar para vida;

— auxiliar crianças e adolescentes a construir as pontes do próprio caminho, com segurança e confiabilidade;

— incentivar a educação continuada, para que possamos entender e discutir melhor os problemas da comunidade e chegar a soluções inteligentes e positivas que defendam a saúde, a dignidade e o bem estar do indivíduo em qualquer idade.

Para que tudo isto seja possível, torna-se indispensável conscientizar o Estado do necessário e urgente cumprimento desta importante Lei. É preciso um esforço geral no sentido de cobrar dos poderes públicos a criação dos Conselhos Estaduais e Municipais do Idoso; pois, é através desses Conselhos que iremos reivindicar nossos direitos.

Hoje, no encerramento deste Encontro Estadual de Idosos, promovido pelo SESC que há 34 anos vem atuando junto a Terceira Idade, estamos saindo muito fortalecidos.

Aquela imagem do idoso, estig-

matizado por estereótipos pela nossa sociedade, com certeza será substituída por outra imagem mais positiva, mais forte, mais participativa e mais atuante; por uma Terceira Idade que sabe o que quer, e que vai lutar pelos seus espaços; uma Terceira Idade se informando politicamente, consumidora de bens culturais, mas, sobretudo, produtora de cultura; uma Terceira Idade que procura mostrar sua capacidade de opinar, questionar e decidir sobre temas referentes à construção de um mundo melhor, sem miséria, sem discriminação de idade ou condições sociais, enfim, um mundo mais feliz onde os seres humanos estejam unidos pelo respeito, pela solidariedade e pelo amor.

Que Deus nos proteja e nos dê forças nessa luta pelo ideal de respeito, de justiça e de maior dignidade.

## RECOMENDAÇÕES

do Encontro Estadual de Idosos, realizado de 25 a 28 de setembro de 1997, em Campos de Jordão - SP.

Os participantes do Encontro Estadual de Idosos, organizado pelo SESC e tendo como tema - O ESTATUTO DO IDOSO (Lei 8.842) - vêm à presença do Exmo. Sr. Presidente da República, para expor as seguintes recomendações resultantes do evento:

### 1. QUE SEJA MANTIDO NA LEI 8.842 O

## CONSELHO NACIONAL DO IDOSO

Justificativa: O Conselho Nacional estabelecerá as normas para a criação, formação e funcionamento dos Conselhos Estaduais e Municipais, evitando que os mesmos venham a ter conotação política, excluindo, muitas vezes, a participação do idoso, como já vem ocorrendo em alguns municípios brasileiros.

### 2. QUE SEJA CRIADO, EM NÍVEL NACIONAL, O BANCO DE TALENTOS.

Justificativa: Este Banco, poderá contar com a participação de idosos possuidores de um valioso potencial de cultura e discernimento, poderá ser um grande apoio ao governo na solução dos mais importantes problemas nacionais.

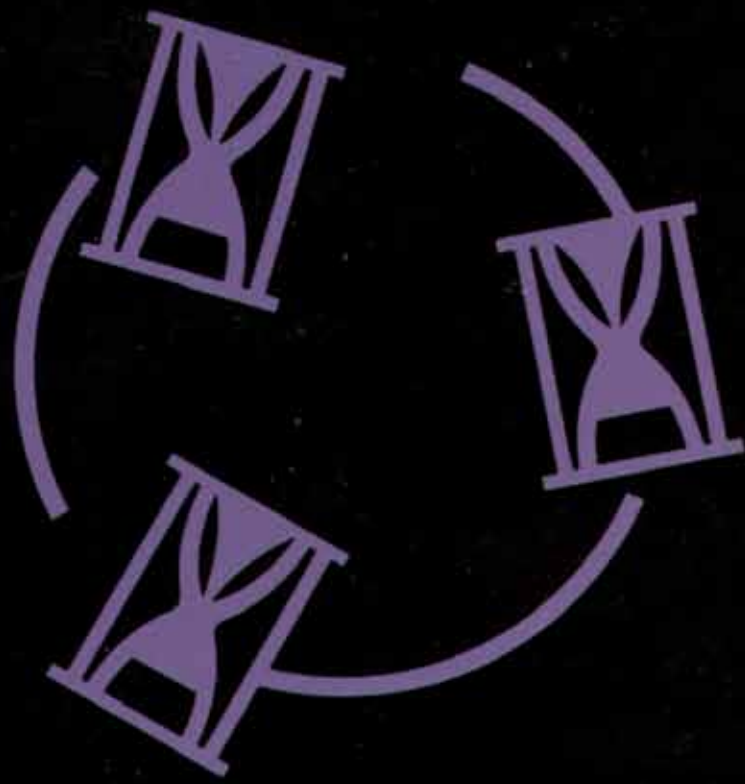
### 3. QUE SEJA INSTITUÍDO O DIA NACIONAL DA VACINAÇÃO DO IDOSO CONTRA A GRIPE E A PNEUMONIA.

Justificativa: Estas moléstias vêm sendo fatais na entrada do inverno,

principalmente àqueles idosos que, infelizmente, não dispõem de recursos necessários para gozarem de uma boa qualidade de vida.

Esta campanha será levada a efeito com a participação efetiva das Secretarias de Saúde e Assistência Social dos municípios, em parceria com os Centros de Convivência de 3a. Idade existentes em cada cidade brasileira.

Campos de Jordão, 28 de setembro de 1997.



**SESC**  
SÃO PAULO